

# VOGGA

## SEMANARIO ILUSTRADO DA MULHER

COMPOSTO E IMPRESSO NAS OFICINAS  
DA ILUSTRAÇÃO  
30, R. da Alegria, 30 — End. teleg.: LIBERTRAN — LISBOA

DIRECTOR TÉCNICO  
JOÃO DE SOUSA FONSECA  
SECRETÁRIO DA REDACÇÃO: ALVARO MAIA

PROPRIEDADE E EDIÇÃO DE AILLAUD, LTD.\*  
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — 25, Rua Anchieta  
TELEF. C. 1084, C. 1606



COLOMBINA E PIERROT

(Desenho de Raul Gil)

ESTE NÚMERO TEM 16 PÁGINAS

A REVISTA FEMININA PORTUGUESA DE MAIOR TIRAGEM E EXPANSÃO



## VIDA ELEGANTE



A sr.<sup>a</sup> D. Julieta de La-Roque Gomes de Amorim e o sr. Francisco Xavier de Albuquerque de Orey, por ocasião do seu casamento, realizado na capela particular do sr. Manuel Figueira Freire da Câmara, em Sintra, no dia 5 do corrente

## RECITA DE CARIDADE

No Porto:—Acêrca da elegantíssima recita de caridade realizada no teatro Sá da Bandeira, do Porto, na noite de quinta-feira 2 do corrente, organizada por uma comissão de senhoras da primeira sociedade portuense, a favor da nova igreja da Cedofeita, recebemos de um ilustre crítico portuense a notícia que se segue:

Representou-se a engraçada comédia, «É preciso viver», peça cheia de movimento e graça, e que foi desempenhada por um grupo de senhoras e rapazes da nossa sociedade elegante.

D. Maria de Lourdes Meneses P. Machado. — Aquela figura gentil e graciosa que todos admiramos interpretou como uma verdadeira artista o papel de «Maria Luísa». Intenção perfeita na frase, dicção admirável, segura de si. Marcou — é uma atriz.

D. Maria Carolina Monteiro de Carvalho. — Em «Maria Isabel» soube com propriedade e à vontade viver essa personagem. É uma amadora de grandes méritos já revelados em recitas anteriores.

D. Maria da Glória de Lencastre. — Revelou-se uma característica e como tal foi perfeita no desempenho do papel de Mistress Bradford.

D. Maria Eugénia Pinto Machado. — Gracil atravessou a scena dentro do papel de «Cora», dizendo com vivacidade intencional e mostrando bons recursos scenicos.

José de Carvalho e Meneses. — No milionário «Crane», não obstante não ser este o género de papeis em que mais gostamos de o ver, foi sóbrio, correcto e «gentleman». É incontestável que tem qualidades.

Diogo San Romão. — Fez o papel de Wick e fê-lo bem. Tem figura e certesa, mas devia sentir-se mal porque o papel é inferior para os méritos que possui e fóros de actor que tem. Esperamos voltar a vê-lo no lugar a que tem direito.

António Pinto Machado. — No Napoleão, foi um azogado «groom», cheio de graça. Tem imensas qualidades.

## LIÇÕES DE CANTO

POR M.<sup>ME</sup> LEITE DINIZ

Especializada na preparação e imitação da voz

Discípula em Milão da celebre Galetti e do notavel professor Cesare Rossi

Lições em curso e particulares em sua casa e em casa dos discípulos

Dão-se todas as informações na

RUA SAMPAIO PINA, HIA, 3.<sup>o</sup> D.  
(Parque Eduardo VII)  
e na redacção da «VOGA»

Luis Rebelo Valente. — Estava senhor de si e mostrou aptidões apreciáveis.

António Bernardo Ferreira. — No papel de «Bradford» teve espírito e contracenou com propriedade e à vontade.

Brilo e Cunha. — Em «Bennet» foi o tímido poeta que a peça exige.

Em resumo — conjunto admirável, desempenho soberbo que não estavamos habituados a ver em récitas de amadores, e isso se deve também ao cuidado e interesse dos ilustres artistas e ensaiadores D. Amélia Rey Colaço e Robles Monteiro.

Parabéns a todos, inclusivé às ilustres senhoras da comissão que devem estar radiantes até pelo resultado financeiro.

Assistência escolhida, teatro repleto, ovações em abundância.

J. F.

## MATINÉE INFANTIL E CHÁ DANÇANTE

Organizada por uma comissão composta das sr.<sup>as</sup> D. Berta Ortigão Ramos, D. Catarina de Vilhena de Sousa Régio, D. Emília de Melo Osório (Proença-a-Velha), D. Maria Carolina de mos de Castelo Branco, D. Maria Carolina de Carvalho Pereira de Melo, D. Maria Isabel de Sousa Rego de Campos Henriques, D. Maria Isabel Ortigão Ramos, D. Maria Luisa Medeiros Teixeira e D. Regina de Carvalho e Silva, realiza-se na tarde de domingo magro, 12 do corrente, uma interessante «matinée» infantil e «chá dançante» no vasto «hall» da Sociedade Nacional de Belas Artes, em recintos separados, revertendo o produto a favor dos hospitais para tuberculosos.

A dança será abrilhantada por duas exímias orquestras «jazz-bands», havendo também para as crianças um «bufette» especial.

Pelos numerosos convites distribuídos tudo nos leva a crer que a tarde de hoje domingo no vasto «hall» da Sociedade Nacional de Belas Artes, seja elegantemente concorrida.

## CASAMENTOS

Realizou-se na capela do palacete Sanches de Baena, em Bemfica, sendo celebrante o prior da freguezia, reverendo Francisco Maria da Silva, que no fim da missa fez uma brilhante alocução, o casamento da sr.<sup>a</sup> D. Maria de Lourdes de Sousa Sanches de Baena, gentil filha da sr.<sup>a</sup> D. Luíza da Conceição de Sousa Sanches de Baena, e do sr. D. Luís de Sousa Sanches de Baena, com o sr. Joaquim Mousinho de Mascarenhas Gaivão, filho da sr.<sup>a</sup> D. Maria de Patrocinio Feo Zúñat de Sousa Gaivão e do sr. dr. Pedro Mousinho de Mascarenhas Gaivão.

Serviram de madrinhas a mãe e a irmã da noiva, sr.<sup>a</sup> D. Maria do Amparo Sanches de

Baena Pereira Coutinho, e de padrinhos o pai e o tio do noivo, sr. dr. João Pedro de Sousa Mascarenhas Gaivão. Sua Santidade dignou-se enviar aos noivos a sua bênção.

Terminada a cerimonia religiosa foi servido no magnifico salão de mesa do palacete um finissimo lunche, partindo os noivos depois para



A sr.<sup>a</sup> D. Maria de Lourdes de Sousa Sanches de Baena e o sr. Joaquim Mousinho de Mascarenhas Gaivão, por ocasião do seu casamento, realizado na capela do palacete de Baena, em Bemfica, no dia 4 do corrente

o solar da família do noivo, em Estombar, onde foram passar a lua de mel.

Na «corbeille» via-se grande número de valiosas e artisticas prendas.

Na parochial igreja de Santa Maria de Belem, realizou-se o casamento da sr.<sup>a</sup> D. Maria Gertrudes Ferro Kuchenbuck Vilar, interessante filha da sr.<sup>a</sup> D. Maria Ferro Kuchenbuck Vilar e do sr. Pedro Kuchenbuck Vilar, com o sr. Luís Alves Miguel, filho da sr.<sup>a</sup> D. Helena da Conceição Alves Miguel e do sr. Luís Alves Miguel, já falecido.

Serviram de madrinhas a mãe da noiva e a irmã do noivo, sr.<sup>a</sup> D. Albertina da Conceição Alves Miguel, e de padrinhos o pai da noiva e o tio do noivo, sr. Francisco Alves Miguel.

Findo o acto religioso foi servido na elegante residencia dos pais da noiva um fino lunche, seguindo os noivos depois para Sintra, onde foram passar a lua de mel.

Na «corbeille» via-se grande número de artisticas prendas.

Para seu filho José Francisco foi pedida em casamento pela sr.<sup>a</sup> D. Matilde de Mendonça Lino Neto, esposa do sr. dr. Lino Neto, a sr.<sup>a</sup> D. Emilia Rosa Rebelo Pinto, gentil filha da sr.<sup>a</sup> D. Rosa Gomes Neto Rebelo Pinto e do distinto capitão de engenharia sr. Jaime Granier Pinto.

A cerimonia deverá realizar-se brevemente.

Realizou-se na parochial igreja do Sacramento o casamento da sr.<sup>a</sup> D. Alice Morimont Seabra, gentil filha da sr.<sup>a</sup> D. Mercedes Morimont e do sr. Cassiano Seabra, ausente, com o sr. Flavio Reis, filho da sr.<sup>a</sup> D. Julia da Silva Reis e do sr. Antonio Reis, já falecido.

Serviram de madrinhas as sr.<sup>as</sup> D. Carmen Morimont Machado, tia da noiva, e D. Adelaide Reis Horta, e de padrinhos os srs. dr. Mario Machado, tio da noiva, e Antonio Augusto da Costa Rodrigues, sub-inspector das Alfândegas.

Terminado o acto religioso, no fim do qual o celebrante fez uma brilhante alocução, foi servido na residencia dos noivos um finissimo lunche.

Os noivos partiram para Coimbra, onde foram passar a lua de mel.

Na «corbeille» via-se grande número de valiosas prendas.

Realizou-se na capela da residencia da sr.<sup>a</sup> D. Eduarda da Serra Amaral e do sr. David da Serra Amaral, o casamento da sua interessante filha D. Maria Helena, com o distinto tenente-aviador sr. Jorge de Figueiredo, filho da sr.<sup>a</sup> D. Maria do Carmo de Figueiredo e do sr. Ma-

nuel Antonio de Figueiredo, tendo servido de padrinhos os pais dos noivos.

Finda a cerimonia religiosa foi servido na casa de jantar da elegante residencia um fino lunche, seguindo os noivos depois para Sintra, onde foram fixar residencia.

Na «corbeille» via-se grande número de valiosas prendas.

Acaba de se ajustar oficialmente o casamento da sr.<sup>a</sup> D. Edwiges da Silva Manique, gentil filha da sr.<sup>a</sup> D. Maria Antonia da Silva Manique, já falecida, e do sr. Manuel da Silva Manique, com o nosso colega na imprensa Abilio Rey de Carvalho.

A cerimonia deverá realizar-se por todo o próximo ano.

## NASCIMENTOS

Teve o seu bom sucesso a sr.<sup>a</sup> D. Maria da Madre de Deus de São Payo de Melo e Castro de Sousa, esposa do distinto clinico sr. dr. Henrique Meleiro de Sousa.

Mãe e filho encontram-se felizmente bem.

## BAPTISADOS

Realizou-se na capela do Palácio Real de Queluz, o baptizado de um filhinho da sr.<sup>a</sup> D. Maria Tereza Gardi e Melo Machado e do sr. José Virgilio Melicio da Silveira Machado, tendo servido de madrinha a sr.<sup>a</sup> D. Semiramis Machado e de padrinho o sr. Leopoldino Blanch. A gentil criança recebeu o nome de Antonio José.

Findo o acto religioso que foi celebrado pelo reverendo Paulo O' Sullivan, do Corpo Santo,



A sr.<sup>a</sup> D. Alice Morimont Seabra e o sr. Flavio Reis, à saída da parochial igreja do Sacramento, no dia 5 do corrente, por ocasião do seu casamento

e que revestiu um caracter muito íntimo, foi servido na residencia dos pais do recém-baptizado um finissimo almoço.

NOTA. — Toda a correspondência referente a esta secção da «Voga» deve ser dirigida ao seu redactor D. Nuno.

## ESPARTILHOS E CINTAS



“POMPADOUR”

OS MELHORES  
OS MAIS RESISTENTES  
E OS MAIS ELEGANTES

“A POMPADOUR”

CASA DE ESPARTILHOS E CINTAS  
28 — Chiado — 30



MOVEIS ROTIN—Solido—Comodo—Economico—GRANDES ARMAZENS DAS ILHAS—Rua de S. Bento, 120 Telefone T. 801





# AS MODAS EM VOGA

TRAJOS E PENTEADOS PARA BAILES DO CARNAVAL : : : NAVAL : : :

UM MODELO DE FANTASIA DIGNO DOS BAILADOS : : : RUSSOS : : :

ludo de seda, do mesmo veludo em que deve ser feito o vestido prendem-se aos fios de perolas como a gravura mostra. Mais três fios de perolas descem e formam debaixo do queixo três colares que muito em-

Em «lamé» dourado e plumas azuis (azul deve portanto ser também o vestido) fica um conjunto maravilhoso e rico.

Por último temos uma «casquette» feita no mesmo tecido do vestido e na mesma cor.



Noiva de NUREMBERG

Nesta altura do ano em que o Carnaval reina nos corações juvenis, incitando-os à alegria exuberante e fugaz, nada poderá interessar mais as nossas leitoras, do que alguns arranjos de cabeça, como sejam penteados curiosos ou «coiffures» artísticas que nos bailes ostentarão com toda a elegância.

Além dos bailes «masqués» onde tão lindos e diversos «travestis» se ostentam garbosamente, há também os não menos interessantes «bals de têtes».

Estes últimos aliam a «toilettes» resplandecentes de ouro e pedrarias originais penteados e enfeites que deslumbram.

Deste os altos penteados do tempo de Maria Antonieta até às fantasias mais bizarras e lindas, há uma longa escala que dificilmente se dará por finda.

A larga facilidade de triunfo que leva os adôrnos finíssimos encanta-nos pela sua arte e beleza a salientarem primordialmente as «coiffures» elegantes e isto dá-lhes um apoio e uma preferência dignos de nota e aplauso.

É esta uma razão porque os «bals de têtes» têm uma larga continuidade em todo o mundo elegante.

Todos os modelos que hoje apresentamos dum tão gracioso recorte e elegância, são dos que favorecem o rosto, animando-o e embelezando-o.

A «coiffure» da dama medieval é um curioso modelo feito em «taffetas» branco.

Com um vestido de baile branco todo bordado a prata fica um conjunto muito suave e fino.

Desejando pôr um vestido de baile em cor e tendo esse vestido enfeites em «lamé» prateado ou dourado deve este modelo ser ex-

Além de todas estas «coiffures» há as cabeleiras imponentes do século XVIII todas empoadas e tafuis que tornam tão delicadas e mi-mosas as carinhas gentis.

A variedade de «coiffures» e penteados próprios para bailes «masqués» e «bals de têtes» é infinita nas suas formas, feitos e enfeites por mais fantasistas e agradáveis. A sua escolha deve ter em vista tudo o que tenha beleza e fantasia e seja próprio e adequado.

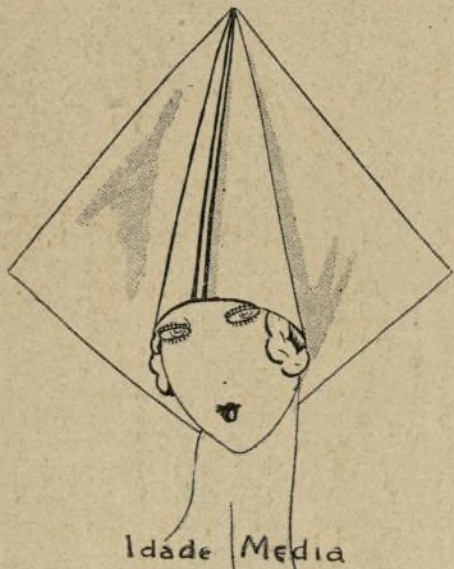
Os nossos modelos são duma formosa variedade aonde as leitoras (as afeiçoadas às alegrias dos bailes e «travestis») podem escolher com facilidade um primor de arte e beleza.

O modelo Voga é um «travesti» maravilhoso de decoração e beleza, no género dos trajes dos bailados russos, mundialmente conhecidos pela sua beleza de detalhes e cor.

Um pouco de fantasia, aliada à decoração magnífica com que os russos enfeitam os seus fatos, compõe este magnífico traje de máscara, original e lindo.

Sobre uma túnica em veludo negro colam-se aplicações do feitiço de folhas e flores, recortadas em seda de vários tons vivos.

A blusa é completamente enfeitada com as incrustações e toda aberta. Liga-se somente nos ombros e nos quadris. No corpo é ligada por umas pequeninas presilhas que unem as costas à parede da frente.



Idade Média

cutado em «lamé» o que será duma elegância e beleza verdadeiramente estonteantes.

Estas «coiffures» vivem principalmente da riqueza dos tecidos em que são confeccionadas e também da harmonia de conjunto nas combinações de tons.

A noiva de Nuremberg é um modelo que alia à sua beleza um deslumbramento de pedrarias sobre um fundo dourado.

Para uma loira de perfil de linhas regulares é esta a «coiffure» ideal certa com a sua beleza delicada.

Os diademas que tão bem se adaptam a feitiços bizarras, são igualmente duma elegância encantadora.

A um vestido verde jade e prateado fica maravilhosamente um diadema, como o que a nossa gravura mostra, com pedras verdes cortadas em oval e montadas sobre fios prateados. Dois fios de perolas ladeiam este diadema.

A parte que fica rente à fronte é feita com perolas pequenas e alinhadas; a parte de cima com perolas em tamanhos variados que se colocam em escala, ficando ao centro a maior.

O diadema em perolas e triângulos de veludo também é sugestivo e duma fácil execução.

Com arame muito fino faz-se a forma, enfiando-lhe depois perolas. Triângulos de ve-

belezam o rosto dando-lhe uma graça inédita e atraente.

As «casquettes» feitas em «lamé» são duma elegância admirável.

A «casquette» de plumas é uma linda criação fácil de executar e dum efeito surpreendente. Deve-se procurar confeccionar estas lindas fantasias sempre de harmonia com o vestido que se deseja pôr.

O enfeite em forma de leque que tem à frente e atrás é feito em «lamé». Cortam-se em papelão muito fino as varetas de que ele se compõe e forram-se de «lamé». Unem-se depois todas umas às outras fazendo o feitiço da cabeça na forma de leque recortado.

Um «cabouchon» no tom do vestido remata esta linda e original «casquette» que bastante deve agradar a todas as leitoras.



Uma blusa em gaze branca de longas mangas apercebe-se sob este colete em veludo preto.

Fios de perolas grandes enfeitam a blusa de gaze no decote e descem-lhe pelas mangas terminando no estreito punho, feito em veludo negro.

As calças, umas amplas calças justas em baixo na perna, são feitas em seda amarela com um alinhavos cruzados em vermelho. Pequenas perolas salteadas entre desenhos completam esta parte do elegante modelo.

O chapén é todo feito em veludo negro com algumas aplicações a cores, como tem o vestido, e semeado de pérolas.

Um longo véu em gaze branca desce mole e levemente da parte mais alta do chapén até ao fim da manga, onde é pregado.

Para terminar este conjunto tão agradável e harmonioso, dentro das variedades de harmonia a que o policromo Carnaval nos dá direito, temos ainda os sapatos também em veludo negro com aplicações igualmente recortadas, de seda, nos tons em que são as que decoram o vestido.

É estranha e não barata a confecção do modelo, mas este é tão lindo e invulgar que as leitoras devem tentá-lo na certeza que serão apreciadas no seu bom gosto, na sua beleza e de que este vestido bastante há de favorecer com as suas cores lindas e a sua elegante «coiffure».

MASCARIM VERDE.

MALAS E Bastos Silva, Lt.<sup>a</sup> Rua S. Nicolau, 81  
CARTEIRAS Paris-Chiado Rua Garrett, 64  
ALTA NOVIDADE







Antes das praias,  
Antes das termas...

## O SALÃO DA ELEGANCIA FEMININA

Organizado pela **VOGA**  
vai constituir um exito sem precedentes na vida citadina e elegante

AINDA quando o sol fôr apenas uma carícia que não abrasa, Lisboa vai ser alvoroçada por um notável acontecimento mundano, comercial e artístico, que será, ao mesmo tempo, um espectáculo inédito e grandioso.

A inauguração, em 15 de Maio, do Primeiro «Salão da Elegância Feminina», dará a Lisboa, dia a dia mais animada e progressiva, o direito de se intitular, com justiça, uma capital moderna e europeia.

É que, não bastavam as obras de embelezamento e alargamento citadinos, ultimamente levadas a efeito, nem o movimento sempre crescente das ruas, a que os *taxis* deram nova e civilizada animação.

A tudo isso, que já é muito, faltava juntar aquelas notas de elegância tão requintadas e europeias, que fazem de Paris a capital do mundo e do comércio feminino parisiense o árbitro da moda e do bom-gosto, e o mais rico também.

É que o comércio já se não faz sómente nos estabelecimentos, nem a vida comercial moderna pode ser circunscrita às quatro paredes de uma loja, abafada e sem luz.

A vida moderna levou o comércio à necessidade imperiosa e vital da decoração, da iluminação, do conforto, do anúncio e da *vitrine*.

O público de hoje, já se não contenta com a certeza do bom: exige os requintes do belo. Gosta de ser cativado e atraído.

As sinfonias da cor e da luz, entraram a deslumbrar os olhos e a prender as pessoas. Já não basta vender bem, é preciso apresentar melhor. O comércio e a arte deram-se as mãos, e a vida embelezou-se com esse enlace, de que nasceu a elegância triunfal do nosso século.

O «Salão da Elegância Feminina» organizado pela *Voga*, é a celebração de essa aliança, a pública consagração e apoteose de esse enlace moderno e indestrutível: o comércio servindo-se da arte, a arte colaborando com o comércio, e a elegância, suprema e requintada, nascendo de essa união fecunda.

O palácio da Sociedade Nacional de Belas Artes era, por todos os motivos, o local indicado para esse certame sem precedentes.

O «Salão» da *Voga*, sendo altamente útil ao comércio, animará as artes decorativas, e vai constituir um espectáculo de beleza.

Assim o compreendeu também a inteligente Direcção de essa Sociedade oficial, pois não só se prestou à cedência dos vastíssimos salões do seu palácio, como decidiu, unanimemente, dar ao nosso empreendimento o seu honroso e valioso patrocínio.

E para que em tudo o «Salão da Elegância Feminina» seja um espectáculo notável, inédito e formosíssimo, um dos mais ilustres membros da própria Direcção da S. Nacional de Belas Artes colaborará com a *Voga*.

Paulino Montez, aguarelista, arquitecto e decorador, talento ousado, vivo e enérgico, temperamento raríssimo de artista, prestou-se gentilmente a chefiar a organização estética do certame.

A decoração geral dos salões, à decoração especial de cada *stand*, presidirá o seu inconfundível e admirável bom gosto. Da sua forte e segura visão de artista, nascerá um espectáculo sem par de harmonia e de cor.

As várias e valiosas adesões com que já contamos, os aplausos e felicitações que o simples e discreto anúncio do nosso último número fêz brotar, dão-nos a consoladora certeza do êxito retumbante que o nosso empreendimento vai ter, o qual será o prémio, merecido, de termos dado realidade a uma justa aspiração do comércio moderno de Lisboa, satisfazendo um natural desejo e, até, uma bem compreensível necessidade das senhoras elegantes, e de todo o público.

\* \*

O «Salão da Elegância Feminina», festival polífero e encantador, parada exuberante e caprichosa de vestidos raros, de chapéus lindíssimos, dos mais modernos e belos tecidos,



# VOGA

(SEMANÁRIO ILUSTRADO DA MULHER)

PROMOVE E ORGANISA

E M MAIO

NOS VASTOS SALÕES DA

SOCIEDADE NACIONAL  
DE BELAS ARTES

E SOB O SEU PATROCÍNIO

O PRIMEIRO SALÃO DA ELEGANCIA FEMININA

A MULHER NO LAR  
A MULHER NOS SPORTS  
ARTES DECORATIVAS  
BELEZA :: ENCANTO :: BOM GOSTO

LER OS PROXIMOS NUMEROS DA

# VOGA

dos, de tudo, enfim, o que de melhor e mais decente se produz para servir a Mulher, a embelezar e cercar, vai ser, de dia e de noite, o mais curioso e movimentado espectáculo de Lisboa.

Será o catálogo palpitante e sugestivo de tudo quanto as senhoras precisam de escolher e comprar para, nos fins de Junho, partirem para as estâncias elegantes de verão.

E de tanta coisa hoje necessária para a intensa vida feminina, nada, nem uma só coisa será esquecida. Os vastos salões da Sociedade Nacional de Belas Artes terão um lugar para cada coisa, e cada coisa no seu lugar.

Nada será esquecido. Os *sports*, por exemplo, tão integrados na vida da mulher moderna, lá terão o seu importante lugar. O automobilismo, o *tennis*, a natação, todos estes *sports* estarão nobremente representados. Mas ao automobilismo dará o «Salão» um relevo digno da especial predilecção de que hoje disfruta junto das senhoras e das raparigas modernas, ágeis e desvolvas e intrépidas.

\* \*

O «Salão da Elegância Feminina» será, pois, o preferido centro de reunião das senhoras de Lisboa. E, porque assim vai ser, disporá de todas as comodidades necessárias para tal. Num aposento essencialmente adequado a esse fim, um competentíssimo cabeleireiro e uma habilidosa *manucure* servirão as senhoras visitantes, e, às cinco da tarde, no vasto salão do primeiro andar do palácio, uma das mais elegantes pastelarias de Lisboa fará, diariamente, servir chá e bôlos. E um dia por semana o chá será dançante.

É à hora do chá que será feita a apresentação dos *manequins* — airoso espectáculo até hoje limitado, entre nós, às clientes dos nossos melhores costureiros, mas que, lá fora, e desde há muito, faz parte de bailes, festas e até de revistas teatrais.

É ele, de resto, um dos mais eficazes meios de educar o gosto público, pois representa, por vezes, sábias lições de harmonia e colorido.

A geral elegância feminina da França, não é mais do que a consequência feliz das altas e públicas lições de vestuário e elegância, diariamente e desde sempre fornecidas pelos grandes costureiros de Paris.

São as criações de costureiros como Poirer, Philipe & Gaston, Redfern, Patou, Worth, Lucien Lelong, Drecole, Lanvin, etc., que tornam possível a supremacia da elegância feminina francesa, visível e flagrante em todas as classes sociais.

A legendária e real elegância das costureiras francesas, não é mais do que o bom aproveitamento das sábias lições de esses *virtuosos* da indumentária...

O verdadeiro segredo do comércio, está em saber criar necessidades. E as necessidades só se criam pela educação do gosto. Nasceram com o conhecimento da beleza. Só os educados exigem e apetezem.

As casas portuguesas, os lares portugueses, são, em geral, a mais desoladora negação de beleza e conforto que se pode conceber.

E a culpa desta tristeza pertence menos ao povo que às *élites*. Todo o povo se educa quando as *élites* o decidem educar, e teimam em o educar.

E a educação popular, a educação do grande público, do maior número, faz-se promovendo incessantemente, persistentemente, e em todos os géneros, exposições que sejam espectáculos e ensinamentos. A memória visual é uma poderosa educadora. E as sinfonias visuais, como as auditivas, são as que mais cativam e educam a grande massa do público.

A *élite*, essa, vai para esses espectáculos *en connaissance*; isto é, procurando já designadamente aquilo que a interessa, aquilo que deseja; vai já orientada.

O «Salão da Elegância Feminina», festival de modas e documentário de artes decorativas, jardim de perfumes e parada de cores, vai ser, pois, o grande acontecimento mundano público do ano.

A esta grande iniciativa da *Voga*, ficarão as senhoras de Lisboa, ficará o comércio, ficará todo o público devendo um lindo espectáculo e uma prestimosa obra.

LER O PROXIMO NUMERO DA

# VOGA

PORMENORES! SURPRESAS!  
— SENSACÃO! —



# CARTA DE PARIS DA INUTILIDADE FELIZES CÃES!

## DAS MASCARAS

Paris, 10 de Janeiro de 1928

Minha querida:

OUE maravilhoso país o nosso! Partindo de Paris nós percorremos um milhar de quilómetros e fiquei maravilhada com os sítios, as estradas e as paisagens que atravessámos. Uma neve abundante nos acompanhou até Lyon, enquanto para o Meio-Dia o sol, esse alegre companheiro, começou a manifestar-se, e em Marselha, o seu país predilecto, nos apareceu em todo o seu brilho e esplendor.

Orange encantou-me com os seus areais de grande reputação; Aix, com o seu carácter provençal, enfeitou-me.

E eis-nos em Nice, desde ontem, minha querida. A temperatura é ideal, e um conjunto variado de flores, de música, e também o maravilhoso mar que, com o seu ruído igual, nos

### CRÓNICA DA SEMANA

Minha boa Luiza:

PREGUNTAS-ME, ingenuamente, na tua deliciosa cartinha qual, em minha opinião, o vestido de Entrudo que deverás levar ao baile das Teles de Menezes...

Queridinha: só a muita amizade que te dedico — e a qual já vem de tempos candidos do colégio, quando nós ambas ainda acreditávamos no homem e amor: imagina há quanto tempo, minha jóia! — só ela me leva a responder-te... Eu, por mim, detesto com toda a minha alma, com todos os meus sentidos, com todo o meu coração esse tempo execravel, essa quadra de luxo, miséria e lama!... Bem sabes, minha boa Luiza, como eu fui sempre sincera; lembre-te aquela vez, em que, tendo eu pregado com *attaches* à cadeira o vestido da professora de inglês e ao ficar esta, — quando se levantou, — com pouco mais do que a fôlha de vinha parisiaca, eu exclamei, aflita, ao ver a professora marcar um mau comportamento à classe toda: — Fui eu, fui eu, Miss Ellen!... Fui eu que quiz ver se a senhora usava por baixo do vestido a tanga dos escoceses!

Ah minha pobre amiga!... A sinceridade tem sido o meu maior mal e o meu consolo único!... Por isso, — coração nas mãos minha joiazinha! — por isso te digo que não sei bem qual vestido recomende à tua esplêndida e morena beleza! Dizer que te mascaras desta ou daquela maneira, o mesmo será que recomendar que te desmascaras daquele ou deste modo e feitio... Percebes? Supõe tu que eu te escrevo o seguinte: «Luisinha: o fato de máscara que te vai matar é o de Arlequim».

Bem: o que foi que fizeste ao enfiar a pintalgada veste do companheiro de Truffaldino e Don Pantalone? Pôr a tua almasinha a nu e nada mais!... *Povera Arlecchina mia!*... Suponhamos que tu foste todo o ano — isto é uma simples suposição, é claro! — uma creaturinha astuta como certos cardeais do Renascimento, maliciosa, pescando nas águas turvas, comendo a cabeça ao Diabo a mais à sogra e, como na fábula de La Fontaine, papando as castanhas que o gato, pelando-se, ia tirando do lume... Vem o Carnaval e zás! mascaras-te de Arlequim. Quem não dirá não teres tu feito outra coisa senão forrar o corpo com a tua própria alma? E se tu não fôres — e não o és que eu bem sei! — nada do que eles dizem e a tua alma fôr tão nevada como a de Santa Cecília, quem por isso deixará de te declarar duma consequencia absolutamente cinica, duma inaudita e desprezível desfaçatez?

Mascaras-te de *Pierrette*? Pior, minha jóia, muito pior!... Tomar-te-hão por parva — e isso acredito bem que o tenhas sido tanto como eu, sobretudo pelo que respeita a sinceridade no amor!... *Pierrot* é o simbolo da poesia, da ingenuidade: o prototipo de quantos creem na verdade dos protestos e são atraçados sempre pelas *Colombinas* várias... Se te vêem de *Pierrette* logo dirão: «Coitada: aquela ainda é do bom tempo!... Imagina que os maridos se fizeram para estar sempre junto das suas mulhersinhas e que, o amor eterno, jurado antes

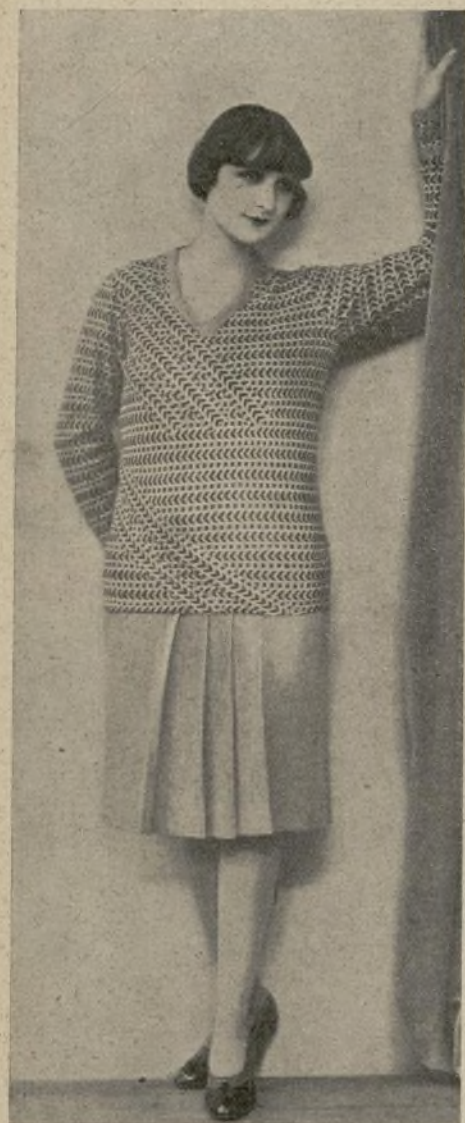
do casamento e nas primeiras horas da lua de mel, é uma eterna verdade!...» Não: não te mascaras de *Pierrette*, Luiza! Farão pouco de ti e da tua ingenuidade! Toma cautela!... E, em verdade, não sei que vestido te aconselhe... *Colombina*? Impossível! Sabes que a tal *Colombina* era uma doida tão garantida que até pediu a lua ao seu poetico, enfarinhado e crédulo *Pierrot*!... Se te vêem com esse fato não faltará quem diga que o teu Jaime fez um desfalque para te comprar as tuas jóias... *Camponeza*? Dirão imediatamente que o pé te estava a puchar para o tamanco!... *Varina*? Pois não faltarão amigas dedicadas que afirmem estar-te mesma a matar a canastra do peixe... A moda do Minho? Lavradeira de Viana do Castelo? Horrór! Quem não dirá logo que nunca te lavaste e que a limpeza do teu lar imita em negrura as cosinhas minhotas?... De *Chantecler*? Até me parece que já estou a ouvir as tuas amigas: «Olha! olha!... A casa daquela não é a do Varão nem sequer a do Varela: é a do Varunça: manda ela e é ele nunca!»... É a dificuldade sóbe de ponto... Dama *du temps jadis*, Idade Média, Renascimento, Directório, — ou mesmo 1840, com suas saias de balão semeadas de rosinhas e botinas de duraque? Oh desventurada! ninguém acreditará que tens vinte e dois anos e um coração cheio de candidas ilusões! Não faltará quem diga que já te defendes muito bem da idade; ha-de haver gracioso que te pergunte se conhecestes o Ricardo Coração de Leão, se faláste com a Natercia, se foste amiga da Madame Tallien, ou frequentáste os sarás da Condessa de Tomar e lá conhecestes a Custodinha da Botica, filha do Eusébio Macario, ilustre irmã do Zé Fistula e virtuosa Baronesa do Rabaçal...

Não, minha querida Luiza: tu tens de desistir. Para ires bem mascarada... tens de ir à época! Dize ao teu Jaime que queres ir ao baile das Teles de Menezes com o teu vestido último, aquele que compráste há um mês no Chiado. Só assim irás bem mascarada, minha santa! Vestidos de dois tons, um vestido em crepe da China, um chapéu à qualquer coisa, isso toda a gente usa. Por isso anda toda a gente mascarada; por isso ninguém sabe quem nós somos, e, o nosso modo de vida, a nossa maneira de pensar não são devassados e espêninhados... Isto de ninguém conhecer o que nós somos, acredita, é uma coisa ideal!

Não, Luiza, não te mascaras, isto é: não te desmascaras! Se não podes sair de Lisboa no Entrudo, veste-te como todos os dias e sai para a rua. Divertes-te imenso a adivinhar as tendências e baldas alheias, sem que os outros saibam o que tu és e o que tu pensas. Que delicia, minha boa amiguinha de sempre!

Adeus. Eu, por mim, saio de Lisboa e vou para Loures, para os saloios. Esses ao menos são saloios todo o ano, incluindo mesmo o Entrudo... Em Lisboa toda a gente finge o ano inteiro que é fina, e que é saloio no Carnaval... Já vês que só tenho a ganhar com a mudança! Abraça-te a tua amiga do colégio

ROSA TIRANA.



embala na sua eterna canção. Eu prometi escrever-te mais continuamente, mas como queres tu que eu possa concentrar as minhas ideias neste «brouhaha» contínuo duma vida de prazeres e alegrias?

Tenho hoje um esplêndido passeio a Cannes pela nova estrada do Cap d'Antibes e um elegante almoço no Casino. Esta noite um grande jantar de gala num dos «Palaces» mais reputados de Nice reunirá toda a alta sociedade dos invernantes.

Tu perguntas quais são os vestidos mais usados para este inverno?

Vê-se de tudo. Para de manhã os «sweaters» em lã muito fina sobre saia de riscas e o conjunto de «deux pièces» em crepe da China. Mas eu prefiro antes a lã para as belas e muito frescas manhãs e eis dois modelos em «tricot». Ras que me parecem dever reunir todas as qualidades: um é composto duma saia «beige» num tecido muito bonito e o «sweater» é em «tricot» «beige» e azul.

O outro é mais sóbrio mas também muito elegante. É em «tricot» «bordeaux» e verde.

São dois conjuntos que uso, asseguro-te, com prazer, e que, digo-o sem receio, foram notados.

A hora do correio aproxima-se e é preciso que me apresse a enviar-te, minha querida, os mais afectuosos beijos da tua tia

NUELMA.

VISADO PELA COMISSÃO  
DE CENSURA

Adquirem-se noções de todas as  
coisas lendo o

MAGAZINE BERTRAND

A celebridade, é um manancial de surpresas. Há quinze anos, num concerto, em Londres, o violinista Kubelik foi assediado por miss Evans, de Kensington, que lhe fez um pedido assás bizarro.

Miss Evans pretendia que ele lhe desse um beijo. E, quando Kubelik, um pouco lisongeado, fitava, com justificavel perturbação, a juvenildade e a formosura da autora de tão extranho pedido, esta estendeu-lhe na direcção dos labios uma borla de pó de arroz, envolvendo em carmim. Depois pediu-lhe para beijar uma folha do seu album.

Tratava-se dum beijo a vermelho sobre papel... em branco!

Ignora-se o destino do album desta originalissima coleccionadora. Ultimamente, em Los Angeles apareceu um coleccionador do mesmo género, o qual já arquivou no seu album os beijos da maioria das vedetas de cinema.

Afigura-se-nos que esta maneira de coleccionar beijos, é muito quimérica. Os beijos colecionados, ainda que sujeitos a envelhecer, são beijos que nasceram mortos. A vida dum beijo não cabe num album e dura, ainda menos, que as rosas do poeta...



NALGUNS países existe, em elevado grau, o culto pelos animais, culto que encontram, nos cemitérios de cães, a sua expressão mais sentimental.

Acaba de fundar-se em Londres, um hospital para animais. E, partindo do princípio, que eles não teem dinheiro para pagar as despesas do seu tratamento e de que os seus donos estão tão desprovidos d'ele como se fôsem animais, a hospitalização é gratuita. A fim de evitar que só sejam admitidos animais que tenham pessoas que por eles se interessem, foram dispensadas todas as formalidades que se requerem nos hospitais para o género humano.

É certo que dessas formalidades se dispensariam sempre alguns dos animais que entram livremente por toda a parte — as moscas, por exemplo.



Um dos modelos a que se refere a nossa «Carta de Paris»

### ATITUDE IMPOLITICA

UM médico inglês, escreveu um longo artigo analisando, com escrupulosas comparações, a idade mais triunfal da mulher. Concluiu por uma apologia do período da vida feminina que vai dos vinte aos vinte e cinco anos, afirmando ser esse o período de maior esplendor para a mulher.

O artigo celebrizou-se, através de inúmeras discussões. Houve quem aplaudisse a sua conclusão, mas não faltou quem protestasse. E a actriz britânica Eveling Layé ripostou com grande indignação ao sábio:

«Não existe nenhuma mulher que tenha atingido a curva máxima da beleza antes dos trinta e cinco anos. E só nesta idade a mulher agrada e brilha, em toda a plenitude.»

Eveling Layé pode ter razão, mas o que é grave para ela, e, portanto, para as suas opiniões, são os seus trinta e cinco anos. É possível que ela tenha protestado contra um erro infâmico, mas, principalmente o que ela praticou, foi a sua defeza — sem ocultar a sua certidão de idade.

A sua atitude, embora sincera, a pesar da grande convicção que a orienta, foi impolitica. Disso se aproveitou, imediatamente, um humorista inglês que, com irreverência, formulou a seguinte pergunta:

— Se Eveling Layé tivesse vinte ou vinte e cinco anos, teria defendido as dez anos mais idosas?

E acrescenta, num tom ainda mais irreverente:

— Quem nos assegura que daqui a vinte e cinco anos Eveling Layé não fará, com brilho e ainda com muito mais convicção, a apologia da formosura inultrapassável da mulher de sessenta anos?









Foto MANUEL FRÈRES

Vestido de Crepe "Georgette", enfeitado com nervuras - Criação Jean Magnin



Foto MANUEL FRÈRES

Vestido em seda branca e preto guarnecido de "cabochons" em diferentes cores - Criação Jean Magnin



Foto Henri Manuel

Casaco em tecido Rodier "beige" bordado com cordão, e peles - Criação Francis Rose



Foto Scapione

Vestido em renda e tule preto e serim rosa - Criação Drecoll



Foto Manuel Frères

Casaco em veludo azul bordado com a perolas e guarnecido de raposa - Criação



Foto Manuel Frères

Vestido em voile de seda preto e franjas de perolas - Criação Jean Magnin



Foto Manuel Frères

Vestido em crepe de seda preto e franjas de perolas - Criação Jean Magnin



Vestido de passeio em Charmelaine de seda - Criação de Olivan & Georgette Clary



Foto Manuel Frères

Vestido de seda branca e preto guarnecido de "cabochons" em diferentes cores - Criação Jean Magnin



Foto Manuel Frères

Vestido todo bordado a strass, flon vermelha e preta - Criação Jean Magnin



Foto Manuel Frères

Casaco de noite em lamê dourado "Fourrure" petit gris - Criação Charlotte



Foto Manuel Frères

Vestido em crepe-setim azul-marinho-creme em serim branco - Criação da casa Marcial & Armand



Foto Manuel Frères

Vestido em "Georgette" preto bordado a diamantes - Criação Jean Magnin



Foto Manuel Frères

Vestido em crepe de seda "gris argent" enfeitado com galões prateados - Criação Marcial & Armand

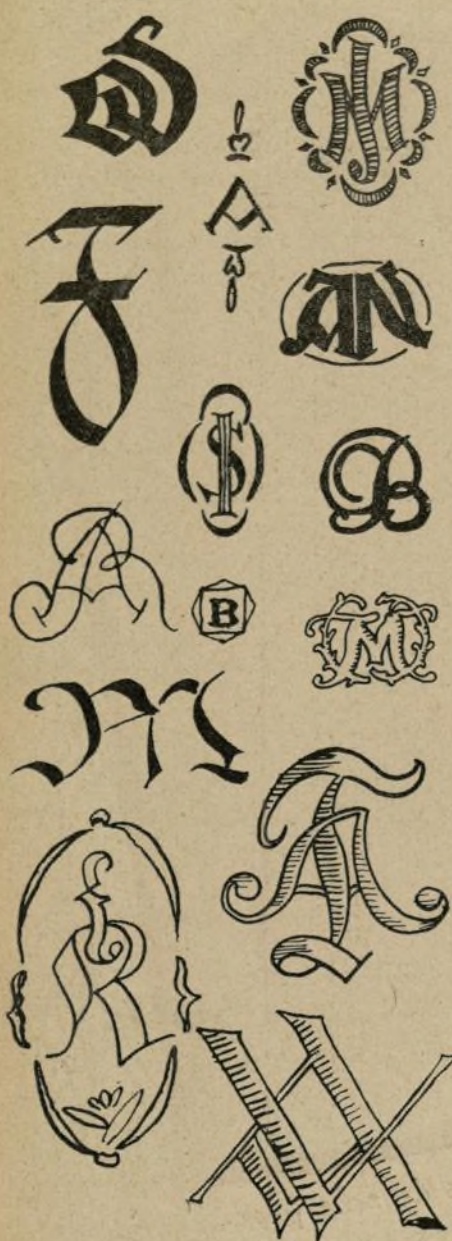


# BORDADOS E RENDAS

A EVOLUÇÃO DOS LENÇOS OS PONTOS D'ALENÇON, D'ARGENTAN E DE BURANO



Renda de Burano

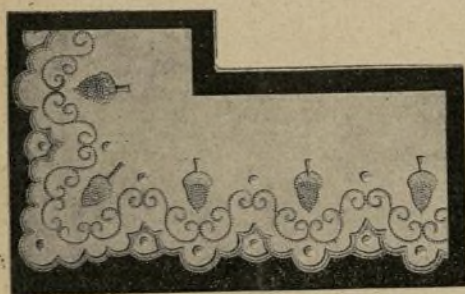


Os nossos lenços, os pequeninos e rendilhados lenços, todos em sêda ou ricamente bordados, empregando-se na sua confecção uma esmerada escolha de desenhos, sedas e rendas, são verdadeiros mimos e elegantes.

O objecto de *toilette* que, com maior carinho e interesse, é cuidadosamente bordado, é o lenço. Há, dêste modo, verdadeiras maravilhas de arte e beleza, nestes pequeninos objectos que muito amigável e sentimentalmente, limpam as lágrimas de tantos olhos tristes e lindos.

A variedade de lenços é infinita. Desde o lenço bordado em fina sêda branca até ao horrível lenço grande de quadrados, tão feio e inestético, êles teem de percorrer uma longa escala.

Hoje, que o lenço é um imprescindível objecto de *toilette*, como se poderá fazer ideia



Renda de Argentan

Em França, as senhoras aplaudiam também dêste modo, no teatro, no começo do século XIX.

Foi êste o pretexto para as fantasias que se criaram nos lenços. Escolheram-se então os tecidos mais finos, onde se bordavam iniciais complicadas, rodeadas de flores, armas e brachões; escolheram-se as mais delicadas e preciosas rendas, conseguindo fazer dêste objecto uns verdadeiros mimos de graça, de beleza e arte.

Nem em todos os países se usa o lenço da mesma maneira.

Entre os povos orientais, os Turcos e Persas, há o seguinte costume: Quando um rapaz escolhe noiva, envia-lhe com o anel, uma moeda e um lenço, com a sua firma bordada.

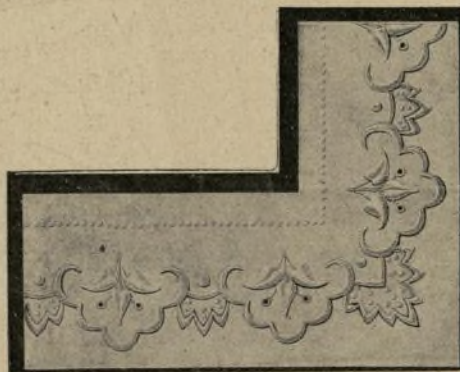
Na China acham abominável que se guarde o lenço, por mais lindo e bem bordado que êle seja.

Assôam-se, sem cerimónia, com a ajuda dos dedos e, depois, limpam o nariz com um tecido ricamente bordado, ou com um dos quadradinhos de papel de arroz, que trazem sempre consigo.

As maneiras várias de se usar o lenço — ou como objecto de luxo ou como mera necessidade — ou ainda mesmo não o usando, varia conforme os países e mesmo as pessoas.

Em Portugal usa-se o lenço tanto por luxo como por comodidade, merecendo-nos uma especial atenção.

É com verdadeiro prazer que escolhemos rendas e desenhos com que adornar êstes pequeninos companheiros das lágrimas e dos risos.



Vários modelos, todos duma finura de contornos admiráveis, publicamos hoje, convencidos de que vamos ao encontro dos desejos das nossas leitoras, que certamente gostam de os executar.

Os lenços hoje são variadíssimos, tanto em tecidos como em cores.

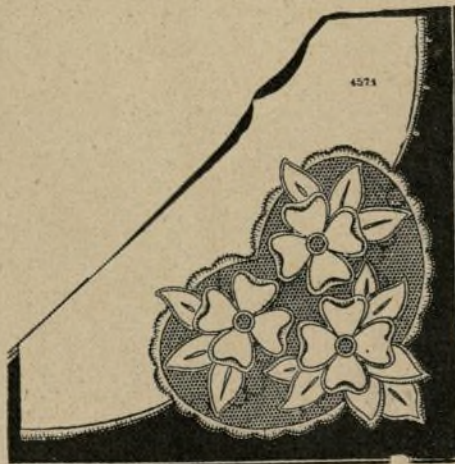
Fazem-se na cor dos vestidos de baile e de *toilette* e em sedas lavradas. Há-os brancos bordados a cores, e também todos brancos, para os quais são publicados êstes nossos desenhos.

Dois dos nossos modelos são feitos em ponto

de pé de flor, excepto o recorte, que é caseado, e as pequeninas ilhós bordadas a cheio.

O outro é todo bordado a ponto cheio, com um desenho e um recorte muito graciosos. Por último, temos um bordado sobre tule, em feito de coração, que é muito bonito e sugestivo.

Qualquer dêstes modelos pode ser feito em qualquer cor que se deseje, mas devem todos ser bordados ou no mesmo tom ou num muito aproximado. Uma variedade de cores nestes



lenços far-lhes-ia perder a sua elegância e a sua delicadeza.

Vários monogramas, todos duma graciosidade e elegância intensas, se espalham pela nossa página, como pequeninas borboletas saltitantes.

Os monogramas são pequenos acessórios mas teem um grande valor, além do seu valor pessoal, e da graça com que foram traçados e bordados: é tornarem os objectos onde foram colocados absolutamente nossos, dando-lhes um carácter pessoal.

Aqui teem pois, leitoras, lenços vários, duma leveza e elegância, que lhes compete, e monogramas caprichosos, bizarros e lindos, onde podem escolher o modelo com que hão de marcar toda a roupa.

Podem constituir, com qualquer dêstes monogramas, a sua marca preferida e usada, e com a qual darão uma personalidade única a toda a roupa.

Podem mudar o seu tamanho mas conservar sempre o mesmo aspecto decorativo.

## RENDAS

As rendas tão lindas e vaporosas, de transparências suaves, e desenhos graciosos, são ornamentos elegantes e apreciados por todos. As rendas são tão variadas, os seus pontos tão numerosos, que nos perdemos a contá-las e hesitando em escolher. Publicamos alguns modelos dos pontos das rendas, mais conhecidas, para aquelas senhoras que fizeram das rendas o seu passatempo favorito, não lhes sendo desconhecidos os tão lindos e variados pontos

Colbert, ponto de França, ponto d'Argentan, ponto d'Alençon, ponto de Venesa, ponto de Inglaterra, ponto de Burano e tantos outros, que a arte feminina tem criado, cheios de beleza, de suavidade e transparência.

A beleza destas rendas deriva dos desenhos tão finos, «bouquets» compostos com arte e elegância e flores enormes espalhadas com um a vontade onde o bom gosto e a beleza são primordiais e absolutos.

Três modelos cheios de graça e de encanto publicamos hoje, e passamos a fazer a descrição de cada um, a qual terá de ser ligeira pois as dificuldades que estas rendas apresentam na sua execução são muito razoáveis. Mas não percam a coragem, leitoras amigas, e tentem confeccionar estas lindas rendas.

O ponto d'Alençon é feito em fio de linho muito branco, e muito fino, seguindo um desenho ligeiro em «bouquets» e flores, grinaldas e folhagem, em bordado cheio sobre o fundo de tule de malhas redondas.

Ajunta-se, nalgumas partes dos fundos de fantasia e no centro das flores maiores, «à jours» em fio muito mais fino ainda do que o empregado para a parte bordada a cheio e para os fundos.

O tule executa-se muitas vezes em primeiro lugar com linhas transversais da orelha à parte exterior; em seguida os fundos fantasia, depois a parte bordada em opaco e transparente e depois os «à jours».

Os pontos, feitos com o cordão, finos e regulares, contornam as pétalas das flores, das folhas, das hastes, das nervuras, dos miudos ramos e dos minúsculos cravos semeados sobre o «tulle». Para dar mais resistência aos bordos exteriores e à cercadura dos motivos principais, costuma-se pôr uma longa crina de cavalo branco, sobre o traçado e recobri-la ao mesmo tempo que êste.

O ponto de Argentan é uma variedade do precedente, deferindo no tule, mais grado, e na escolha de fundos mais variados e nas «ajourages» mais complicadas; os desenhos copiam muitas vezes imagens cândidas e ingênuas dos velhos missais, tendo as personagens as caras



«ajourés»; carneirinhos cobertos de desenhos em bordados opacos e transparentes alternados, imitando de longe o frisado da lã; passaros maravilhosos começando-se cada pena pela aresta ou nervura, com filas em bordados opacos, indo e vindo, de base a base, e arredondando-se na extremidade; terrenos feitos com linhas horizontais, águas com «arrière-plans» feitos em «à jours» e riscas de luz formando escala.

São êstes desenhos que compõem a maravilhosa renda de Argentan.

O ponto de Burano é de origem italiana e executa-se na ilha de Burano próximo de Venesa. Os «bouquets», de que se compõem estas rendas, com flores ligeiras, copiam quasi exactamente a natureza: a extremidade é, em geral, composta de cravos e é executada ao mesmo tempo que o fundo de tule. Os «bouquets» são preparados à parte como no ponto de Bruxelas, e são colocados sobre o tule. Na Bélgica, o ponto de Burano é considerado como uma variedade do ponto de Venesa, do qual imita um pouco os desenhos: o contorno feito com cordão e substituindo o fundo de «barrettes» por um fundo de tule de malhas quadradas muito finas.

Êis pois três lindos modelos destas afamadas rendas que em todo o mundo são apreciadas e colocadas na vanguarda entre todos os outros trabalhos femininos.



Renda de Alençon

## ECOS E COMENTÁRIOS

### TRAPALHADA FAMILIAR

DEU-SE, ultimamente, no sul da França um duplo casamento de amor: pai e filho esposaram uma mãe e sua filha. Tudo isto teria sido infinitamente banal se o pai não tivesse casado com a filha da mulher de seu filho. E daqui resultou uma nascente complicação de parentescos.

O pai fica convertido em genro do filho e, pelo seu casamento, em avô e cunhado dos filhos de seu filho. Por seu lado a mãe fica sendo, ao mesmo tempo, a sogra e a nora do pai. E o filho que é sogro de seu pai será seu avô e também o avô de seus irmãos.

A filha será sogra de sua mãe e sogra e nora do marido da sua mãe e ainda a avô de seus irmãos.

Os filhos da mãe dela serão cunhados do avô e tios de seus filhos.

É fácil de prever que as reuniões desta família serão assás complicadas, devendo ser bastante arreliante a circunstância de ser-se irmão do avô ou irmão da avô. E as questões de herança deverão ser terríveis, mesmo para os agentes do fisco, os quais perderão inutilmente o seu latim.

### A ORIGEM DA SANDWICH

HÁ cento e cinquenta anos, um inglês, inventado gastrônomo, depois dum jantar que teve a duração de doze horas, pediu, um pouco por bravata e um pouco por apetite,

umas fatias de carne fria dentro dum pedaço de pão.

Este pedido, simultaneamente excêntrico e banal, immortalizou o seu autor — o nobre conde de Sandwich. Do seu apelido nobiliárquico se fez o nome dêsses pãesinhos infinitamente pequenos, servindo de invólucro a uma fatia de carne — subtilíssima.

Há cento e cinquenta anos que, em todo o mundo, se cita o título dêsse famoso fidalgo inglês que levou o seu exagêro ao ponto de ter inventado a maneira mais segura de tornar, o pão e a carne, absolutamente inúteis como alimentos.

Sr. conde de Sandwich: quem havia de dizer a muitas almas sedentas de imortalidade que, o ser célebre, dependia simplesmente — dum pouco de fiambre ou de salame!

### A DISCREÇÃO

SER discreto é uma virtude admirável; admirável principalmente pela abnegação que a reveste, porque só aproveita aos outros. E quem a possui evita com cuidado infinito as perguntas, mesmo as mais inocentes. Divergimos. Nesse ponto pensamos com Oscar Wilde que as perguntas não são indiscretas. As respostas é que o são.

Se uma leitora, por exemplo, nos perguntasse a razão por que escrevemos estas linhas, não cometeria uma indiscreção.

Mas se nós respondêssemos que era, por falta de assunto, teríamos sido terrivelmente indiscretos.



# AS MULHERES ESPANHOLAS NO SÉCULO XVII

As mulheres são mais sinceras, mais desassombradas, mais severas do que os homens na apreciação do seu próprio sexo. Acerca deste delicado e secular assunto, os homens agem quasi sempre sobre estes dois polos opostos: o do amor ou o do ódio. Muitas vezes, as suas opiniões são influenciadas até pela sua própria mulher: se esta realizou todo o seu ideal, o homem julga, por ela, todas as mulheres, mas, se o contrário se dá, rompe em imprecações e, num belo mas iníquo movimento de cólera, cobre das peores maldições todo o sexo. É mais raro o meio termo: ou se então, triunfal e vibrante, um l no ou se arremessa os sarcasmos amassados no todo que o ódio infiltra na alma humana.

Há tempos, um escritor espanhol tentou resumir num artigo o que foram no século XII as mulheres do seu país. Folheou quasi todas as obras clássicas, sem que, a pesar da garra do não dominar algumas delas, encontrasse uma e fosse suficientemente conscienciosa, imparcial e verdadeira para o esclarecer.

Para julgar as mulheres espanholas do século XVII o escritor optou pelo livro duma mulher francesa: a condessa de Aulnoy. Nas memórias dessa escritora descobriu todos os segredos da alma, todos os encantos físicos das mulheres daquela época.

A condessa de Aulnoy, julgou as espanholas, clamando-se de que era francesa. Elogiou-as, clamando a sua formosura e descrevendo a pequena estatura, o seu corpo flexível, a curva do seu rosto, o negro dos seus cabelos, os pés tão pequenos que, — no dizer suspeito da sua historiadora — o seu calçado, em Paris, só poderia servir a crianças ou a necas.

Aquelas mulheres de pequena estatura, de rosto pintado e de olhos brilhantes e expressivos, foram grandes apaixonadas. Pelo amor, ao recuavam perante a morte, iriam, com fria decisão e cruel energia, até ao crime.

Em muitas comédias dessa época figuram mulheres que se disfarçavam em homens para seguir os amantes e averiguar da sua fidelidade. E, ai dos homens, que não soubessem responder ao seu sacrifício, que não fossem elusivos nos seus amores!... Elas exigiam-lhes que procedessem com a mesma seriedade que a mulher tem de possuir, logo que se matam. E se o amante era infiel, estava irremediavelmente perdido: não havia palavras que justificassem, nem se aceitava, para ajuizar sua conduta, a mais ligeira atenuante.

Aplicavam-lhe o mesmo critério com que eram tratadas. E a mesma punição, mas com o maior rigor e com a mais requintada ferocidade. Não am a alma de Otelo, mas excediam, em tudo, ao bárbaro critério, no ciúme avassalador, na ferocidade da vingança, a alma bárbara de Shakespeareano moiro.

A sua implacável historiadora, condessa de Aulnoy, deixou nas suas memórias historietas dramáticas, algumas das quais são dum horror quasi inédito.

Uma dama espanhola descobriu, ao fim de muitas e difíceis averiguações, que o seu amante era infiel. Além dessa perfídia que só o sangue lavava e só a morte punia, ele ainda se tornara inconfiante, divulgando em todos os

mulando os seus desígnios, e depois de lhe censurar a sua conduta, fez-lhe sentir que não saíria vivo. A mais pequena resistência que esboçasse, seria morto pelos criados, que só aguardavam uma palavra para executar a sentença. Quando o viu convencido de que resultaria infrutífera qualquer tentativa para salvar a vida, deu-lhe a escolher entre um punhal ou uma chávena de chocolate envenenado. O amante, aparentando uma grande serenidade, escolheu o chocolate, queixando-se apenas, com um sorriso de ironia, de que ela não lhe tivesse ministrado mais açúcar, a fim de dissimular o gosto amargo do veneno. Soube morrer, mas essa grandeza de alma, essa linha altiva não comoveram aquele temperamento impetuoso e violento de mulher, capaz de morrer e de matar por paixão.

Um dia a duquesa de Terranova desconfia que seu marido lhe é infiel. Manda espioná-lo



pelos criados e as suas suspeitas transmudam-se numa sólida convicção.

Contrata um bando de assassinos e rapta a sua rival. Depois de a ter em seu poder, exporba-lhe a sua conduta e assassina-a por suas próprias mãos.

Os seus cúmplices, previamente ajuramentados,



## MÁSCARAS

(Descrição dos nossos modelos a páginas 4 e 7)

DUAS novas páginas de variados modelos, que fazem a graça e a alegria dos bailes «masqués» damos hoje às nossas leitoras.

Próximo, muito próximo destes exuberantes bailes onde a alegria e o bulício se hospedam numa permanência bastante simpática, é com alegria que se folheiam as páginas que tratam dos «travestis» e apresentam figurinos.

A última palavra da moda em «travestis», apresentamos aqui no desejo íntimo de agradar a todos e de ser útil.

Passemos a descrever todos os modelos das nossas páginas para uma identificação mais rápida e explícita dos vestidos.

N.º 1 — *Egípcio*. — É este «travesti» uma cópia exacta dos egípcios no tempo dos Faraós.

O chapéu é feito em «lamé» dourado em forma de mitra. As espáduas são cobertas com um duplo colar em coral. Envolvendo-lhe o busto tem um «maillots» em seda cor de laranja que se prolonga até perto dos joelhos num pano plissado e «drapé» na mesma cor e tecido.

O escarvalho sagrado é colocado ao meio do peito.

Nos pulsos braceletes em coral e, nos pés, sandálias em cabedal vermelho, completam este lindo traje.

N.º 2 — *Egípcio*. — Um vestido em seda ocre plissado é enriquecido com vários cabochões de pedras multicores, formando o «empiècement» e o motivo central da larga faixa laranja que rodeia a cintura.

Uma «coiffure» em plumas prolonga-se para trás numa franja de pérolas, reproduzindo a clássica cabeça de gavião.

N.º 3 — *Chaminé*. — O tó é figurado por uma saia em seda vermelha simulando ladri-

lhos. O corpo é em setim preto subindo numa única peça em volta do pescoço e da cabeça, a qual sustenta um pequeno chapéu pontegudo simulando graciosamente o cimo da «chaminé».

N.º 4 — *A teia de aranha*. — O corpo do vestido é feito em «lamé» prateado. A saia montada sobre uma armação em arame é feita em musselina sobre a qual são bordadas grandes teias. Uma barra em «lamé» cerca a saia em baixo.

O chapéu, em «lamé» também prateado, tem igualmente uma teia feita em arame e forrada de musselina.

N.º 5 — *Boneca «fêliche»*. — Feito todo em lã de várias cores este costume é muito engraçado pelas suas franjas «bouclés» que guardam as ancas, os punhos e os ardelhos. Uma cabeleira em lã amarela frisada acentua o caracter engraçado em que uma «maquillage» bem feita mais simulará a boneca «fêliche».

N.º 6 — *Repucho*. — O jacto de água é muito bem dado neste «travesti» por fios de perolas e franjas, jorrando com impeto da «casquette» em «lamé» prateado. O corpo também é em «lamé» prateado e a saia em franjas de seda branca e fios de perolas.

N.º 7 — *Pierrot*. — Costume em veludo preto de largas calças que se fecham abaixo do joelho. O corpo é em negro e tem uma camisa em crepe branco. Grandes botões em seda branca, em vários tamanhos guardam a blusa.

N.º 8 e 9. — *Trajes espanhóis (época Filipe II)*. — A dama veste de setim lilás com uma larga barra prateada.

Os folhos estreitos que guardam a saia e as mangas são feitos em seda bege assim

dos, não a denunciavam. É ela própria que confessa o seu crime, quando a um almôço o marido estranha o prato bizarro que lhe servem:

— Não tenhas receio. Gostas com certeza. É um prato excelente, um prato de que deves gostar até à loucura: é o coração da tua amante.

E o duque ia, de facto, enlouquecendo mas de horror, diante daquela Salomé que só sabia matar, esquecendo-se de, ao menos, por prêmio, enebriar com as suas danças.

Porque não teve a duquesa de Terranova a consagração dum Oscar Wilde, dum Stéphane Mallarmé e dum Eugénio de Castro?

Talvez porque não sabia dançar. Nem, ao menos, mereceu ser heroína dum dos arquifalhos dramalhões de Victorien Sardou — do Sardou da rugidora e tigrina condessa Fedora.

Três anos passaram sobre estes dramas sangrentos; três séculos em que dormem o grande sono da morte aquelas damas apaixonadas e sombrias que tinham, à margem das leis, estabelecido um grande e terrível critério de justiça — o seu coração que por estar cheio de amor, estava também cheio de ódio. Confundidas no mesmo destino das suas vítimas, ainda hoje iluminam com um clarão sinistro de beleza a história do seu país. Se as ressuscitassem — quem sabe! — ainda pronunciariam as últimas palavras de ódio da sua vida, mas, talvez, chorassem arrependidas os seus amores, flores tornadas vermelhas porque num charco de sangue sucumbiram.

C. L.

### ATENÇÃO

ESTÁ INICIADO o curso de Desenho por correspondência mas pode ainda inscrever-se pois começará pelas primeiras noções.

CURSO DE DESENHO POR CORRESPONDÊNCIA

como o enfeite em pontas que enfeita o corpo. O fato do cavalheiro é feito em veludo negro com barras em pele branca, mosqueada de preto; as mangas são em crêpe cor de rosa e a pluma do chapéu também. As luvas, as polainas e o chapéu são em bege. Os laços dos sapatos são em «lamé» prateado.

N.º 10 — *Pierrette*. — Vestido em veludo preto e «taffetas» branco formando a saia cortada em folhos. A gola e a parte inferior das mangas são também em «taffetas» assim como o largo chapéu.

N.º 11 — *Macieira*. — Vestidos em «taffetas» branco e aplicações em veludo formando a maça. A folhagem é recortada em seda verde.

Na cabeça uma «casquette» em veludo também em feito de maça.

N.º 12 — *Rosa singela*. — Vestido em «taffetas» vermelho vivo e preto.

N.º 13. — *Palavras cruzadas*. — Costume em «taffetas» branco e preto.

A blusa forma quadrados pretos e brancos sobre os quais estão escritas as letras; as calças largas são em «taffetas» branco. No pescoço um laço em seda preta.

N.º 14. — *Abobora*. — A saia é feita com uma armação em arame forrada de veludo laranja; o corpo é em veludo preto.

N.º 15 — *Borboleta*. — O fato e as azas são em veludo branco, amarelo e preto. As azas mantêm-se abertas com a ajuda dos braços. Sobre a «casquette» em veludo branco que cobre a cabeça são postas antenas de «plumas».

N.º 16 — *Pervinca*. — Taffetas azul compõe o «empiècement» do vestido e enquadra a cabeça em grandes pétalas cortadas em bicos. O corpo é em crêpe azul pálido e a saia igualmente em «taffetas», azul vivo, cortada também em bicos.

N.º 17 — *Chefe «sloux»*. — O corpo deste costume é feito em «taffetas», listado de azul, vermelho e dourado. A gola o cinto e as calças são em lamé dourado. A «coiffure» tradicional em plumas acusa o particular caracter deste «travesti».

N.º 18 — *La belle au bois dormant*. — A bela princesa trás um vestido em «lamé» dourado e veludo «cramoisi». Uma espécie de braço é bordado na parte da frente da saia. As mangas muito curtas são feitas em «lamé» e veludo. Um bracelete do mesmo género rodeia-lhe o pulso. Uma «casquette» em veludo debruado de ouro sobre a cabeça.

N.º 19. — *Papolla*. — Em «taffetas» vermelho cortam-se largas pétalas redondas que compõem a «coiffure». O corpo é feito em peluche de seda verde simulando o cálice. A saia é toda em «taffetas» vermelho, recortada em pontas.

MASCARIM VERDE.



is pormenores, sem excluir os mais íntimos, segredo das suas discretas relações. Em sua alma infiltrou-se logo, dominadora, a via da vingança. Atraiu-o a sua casa, dissi-





Charlie Chaplin no seu gabinete de trabalho

COMECEI a sentir isso durante a nossa lua de mel, quando o vi começar com o viver que já deixei exposto. Quando trabalha nada mais o interessa. Vive num outro mundo: há vezes mesmo em que se esquece de comer.

— Charlie — disse-lhe eu duma vez. Não vê que se esqueceu de lanchar hoje?

Tampouco quer que lhe falem ou o escutem.



Charlie Chaplin no seu último filme «O circo»

Absorve-se extraordinariamente na sua obra, na sua criação de qualquer coisa à qual ele tem de dar proporções humanas e fazer entrar na vida.

Para ele o tempo não é um elemento. Trabalhava às vezes toda a noite. Durante longas horas do dia e depois em casa, sem descanso, para ali estava, até às primeiras horas da manhã, estudando os problemas e dificuldades da obra a realizar.

#### A SUA MANEIRA DE TRABALHAR

Por muito cedo que o trabalho começasse no «estúdio», ele lá estava. Enquanto outros filmes eram feitos em poucas semanas, ele trabalhava meses e meses numa simples história, desenvolvendo as cenas umas após as outras. Em raras vezes ia ao «estúdio» quando ele lá estava trabalhando. Não que ele mo proibisse: eu é que sentia que a minha presença o iria distrair. Por mim sentia que ia ser um elemento estranho à sua obra. E o mesmo sucederia com qualquer pessoa que lá fosse; não era o facto de eu ser sua mulher que me tornaria estranha.

Para Charlie Chaplin o estar alguém assistindo à factura duma obra da sua autoria por certo lhe seria indifferente. Encerrava-se a dentro da sua obra, completamente sózinho e até que ela satisfizesse o seu sentido dramático.

E não esquecia coisa alguma a respeito da sua arte. Se o que fazia lhe dava inteira satisfação dava-se por bem pago. Lembrou-me duma cena que foi por demais sugestiva. Tratava-se dum bocão de comédia, parte mínima do filme.

Experimentou primeiro um actor e depois outro. Ninguém, porém, o satisfazia. Por fim lá encontrou alguém que lhe servia para o desempenho da parte cómica. E Charlie esteve trabalhando com ele, experimentando-o, fazendo ten-

tativas umas após outras e sem sequer dar tempo ao desgraçado para ir comer... E afinal estava-se trabalhando horas e horas numa scena trivial como todas quantas levam um minuto nas histórias de cinema!

Embora não fosse justo, e em vez de se declarar satisfeito com um *Basta!*, Charlie preferiu cortar o incidente da película. Nunca ninguém se preocupava com coisas de tão diminuta importância e com elas gastara tanto tempo e dinheiro.

E o mesmo acontece com ele próprio. É tão cuidadoso com o seu trabalho como com o dos seus actores. E não pode trabalhar enquanto alguma coisa lhe preocupe a imaginação, quer sejam contractos ou questões forenses, visitas aborrecidas ou fadigas.

#### AVERSÃO AS ENTREVISTAS

Em geral, porém, encontrava-se na melhor disposição para desempenhar as cenas de comédia e os trabalhos no «estúdio» decorriam na melhor ordem. Para Charlie,

porém, era absolutamente impossível dar a conhecer a sua personalidade íntima. Mesmo quando a fama veio ter com ele, nunca percebeu como é que o público se interessava por tudo quanto ele fazia.

Odiava as entrevistas, detestava ser observado fosse lá por quem fosse. E imagino bem o aborrecimento que lhe deve causar o compreender como a sua vida privada atrai tantas e tantas atenções. Nunca perceberá porque é que o público julga o homem e a sua obra ao mesmo tempo sem os separar. No seu entender um artista existe somente na sua obra e para ela. Se esta é boa tem de ser aceite e o resto é nada. Estou-o já a ver dizer:

— Porque motivo os meus filmes são diferentes agora do que eram antes? Que tem o público que ver comigo? A minha obra é a única coisa de importância!

#### NUNCA O ODIEI COM VERDADE PORQUE LHE QUIZ MUITO MAIS DO QUE O ODIEI...

Não posso dizer que Charlie tivesse horas determinadas para representar, comer ou dormir. Todo o actor da scena falada é completamente regular nos seus hábitos, excepto, talvez, quando em viagem. Mas um produtor de filmes está sempre dependente do andamento do seu trabalho.

Há vezes em que é preciso trabalhar todo o dia e, até mesmo depois de completa a obra é necessário atender a muitas irregularidades e demoras nos estudos.

Charlie Chaplin não tinha horas fixas de levantar ou de deitar. Algumas vezes punha-se a pé muito cedo; noutras ocasiões muito tarde se por acaso tinha estado a ler, a trabalhar ou imerso nas suas cogitações até altas horas da noite.

Nunca foi um glutão, um gastrônomo. Gostava da comida bem preparada e apurada, mas



Um outro aspecto do filme «O circo»



# Charlot e a sua cara-metade.

(Continuação)

não tinha predilecção por este ou aquele pratos, e era de hábitos muito simples. Bebia pouquíssimo: às vezes apenas um copo de vinho ao jantar.

#### TRAÇOS PRINCIPAIS

Preferia Sauterne ao Champagne, e ao Whisky com soda. O facto de Charlie preferir o suave vinho branco francês ao pesado Gin inglês, ao Whisky da Escócia, ou aos cocktails e Whiskys americanos, mostra bem que não ligava importância aos estimulantes.

Bebia, é certo, um pouco de Champagne, mas só ocasionalmente, em qualquer jantar para que era convidado, e quando esse vinho era servido aos outros. Charlie Chaplin não é amante de bebidas.

Por várias vezes me perguntaram quais os traços dominantes do seu carácter. Conhecendo-o eu tão bem como o conhecia e reflectindo no que até ali fora a nossa vida de casados, não posso falar das tendências principais do seu espírito sem chegar a resultados verdadeiramente contraditórios.

Primeiro que tudo: não me parece que ele possa conceder a qualquer mulher uma felicidade constante, ou fazer com que ela se sinta contente por ser sua mulher. Domina-o a paixão pelo trabalho, pela sua obra. Depois há a contar com os seus modos irreprimíveis, com o seu esquecimento de toda a gente e de todas as coisas quando se trata do seu trabalho, ou dos seus pensamentos que na ocasião o dominam. Tudo isso o torna um tão grande egoísta que a constante companhia com ele é impossível.

Mulher que com ele case sentir-se há coisa somenos, criatura sem amparo, totalmente sózinha. E não há mulher que possa ser feliz em tais circunstâncias.

#### O AMOR PELAS CRIANÇAS

E chegamos a outros resultados contraditórios... Os três traços predominantes do seu carácter são, a meu ver: a paixão pelo trabalho; a amizade e a simpatia pelas crianças mesmo pelas de côlo: a enorme afeição que dedica a sua mãe, Hannah Chaplin.

A intensa concentração de Charlie Chaplin no seu trabalho e a sua notável resistência física são a causa de uma cicatriz que há de trazer durante toda a vida: uma falha que tem na cana do nariz.

Numa das cenas de certo filme, Charlie para não cair agarrou-se a um lampião da iluminação pública. A scena estava sendo filmada numa rua verdadeira e o lampião era autentico. Charlie Chaplin agarrou-se a ele com tanta violência que o arrancou: o lampião caiu em cima dele e partiu-lhe a cana do nariz. Foram necessários uns poucos de pontos naturais e Charlie farton-se de perder sangue.

— Nunca julguei que tivesse cá dentro tanto sangue! — costumava ele dizer às vezes.

E a scena foi conservada no filme, muito em-

bora aqueles que depois o viram estivessem a cem léguas de saber que, por um pouco, a fita estivera para se tornar numa verdadeira tragédia que poderia ter custado a vida a Charlie Chaplin. E o caso é que o seu nariz exhibe uma cicatriz que se torna visível mesmo depois da caracterização.

Infatigável quando trabalha, Charlie Chaplin tem contudo toda a consideração pelos seus camaradas. Insiste constantemente em que eles já trabalharam demais e não é como certas estrêlas e directores que parecem não se importar com as longas jornadas a que condenam o seu pessoal. É generoso e gosta de permitir aos outros actores que recebam em público aquilo que lhes é devido.

Tenho a certeza de que muito o alegrou o êxito que Edna Purviance conseguiu em *A woman of Paris*: isso deu-lhe tanto prazer como se o êxito com ele se entendesse. Charlie Chaplin nunca foi invejoso ou cioso dos seus colegas.

#### NERVOS

Durante as primeiras noites de exhibição dum trabalho seu, Charlie está tão nervoso como se



Uma das expressões características de Charlot

se tratasse da sua estreia na scena muda. Costumávamos ir ambos assistir a essa exhibição e meu marido estava sempre com os olhos nos espectadores, escutando tudo, procurando avidamente certificar-se dos resultados.

Muitas vezes ia aos teatros que exibiam produções suas e, completamente disfarçado, misturava-se com os espectadores, só para ver o que se pensava do seu trabalho. Era uma coisa singular, aquilo de ele desejar saber se o povo gostava ou não do que ele tinha feito e sentir-se também completamente ignorado de quantos ali se encontravam.

Quando estava fazendo um filme não pensava na exhibição do mesmo: representava para seu próprio agrado. E depois de realizada a fita, nunca mais olhava para ela: ia mas era muitas e muitas vezes a qualquer ignorado teatro para aí estudar sobre os assistentes o efeito da sua arte pessoal.

#### AMBIÇÕES INSATISFEITAS

Charlie é um homem, cujas ambições nunca estão satisfeitas. Não lhe parece já mais que uma obra sua esteja perfeita — e ele já mais larga o trabalho de entre mãos sem ter feito o melhor que poderia fazer! — e constantemente deseja fazer melhor, muito melhor.

Sim, fala-se muito do real amor que Charlie dedica à sua arte, embora eu saiba que o seu amor pelas crianças é tão forte como o que dedica à sua referida arte.

(Continua.)





## A PROPÓSITO DE LIVROS

O DIABO, MESTRE DE DANÇA, POR LUÍS DE OLIVEIRA GUIMARÃES — NOVOS SOLILÓQUIOS ESPIRITUAIS, POR BOURBON E MENEZES — LONGE, SONETILHOS POR GOMES FERREIRA

O sr. Luís de Oliveira Guimarães é bem o cronista da época em que vivemos, a época inimiga das coisas profundas e eternas e apenas aspirando ao momento que passa e que morre como um som de guirlandas num tumulto de loucos...

Para o sr. Luís de Oliveira Guimarães, — cujo talento fácil e brilhante seria injustiça negar — é muito possível, é mesmo certo estarmos no melhor dos mundos possíveis, como afirmava convicto o dr. Pangloss de voltaireana memória... E, assim, risonho, com um entusiasmo que se adivinha escorregar-lhe dos bicos da pena sobre o papel, toma um assunto qualquer sem importância, uma futilidade, uma ninharia dentre as muitas que a moda põe a correr mundo e, atirando a moralidade por cima dos moínhos, põe-se a dissecar jovialmente, num à vontade de quem se encontra nos tempos que deseja... O seu livrinho, *O Diabo, mestre de Dança*, é a prova do que afirmamos. Futilidades, bagatelas, amoralidades que delgados véus de prosa fácil, correntia e até elegante, entremostam ou ajudam a despir mais; paradoxos e mais paradoxos, crônicas leves e fugidias, impertinências, coisas que duram o espaço que levam a ler, — eis do que se compõe o seu livrinho.

*O Diabo, mestre de Dança* é o livro da época em que vivemos... Foi amassado com a sua leveza, dela vive e só a ela aspira. Poderá não se concordar com semelhante concepção de vida — e é o nosso caso! — mas seria injustiça negar que o sr. Luís de Oliveira Guimarães possui enormes qualidades para o desempenho do seu papel de cronista fútil e elegante...

Bourbon e Menezes acaba de pospor um formoso aditamento a um livro que em tempos publicou: *os Solilóquios espirituais*. Esse livro, de que ciosamente guardamos um exemplar, era a obra de alguém, o produto da inteligência e da sensibilidade dum artista e dum prosador: se nele havia coisas que hoje o autor renega, mercê da lenta evolução sofrida pelo seu espírito, o certo é que, descontentado isso, muito e muito ficava ainda de adorável e delicioso, até mesmo quando a impertinência e o paradoxal de certas afirmações encrespavam de ironia irreverente as frases e conceitos do livro em questão... Surgem, agora, os *Novos Solilóquios espirituais*, desasseis páginas pelas quais passa e perpassa um sorriso de criança, enlévo do espírito do autor... Marca esta minguada mas delicadíssima brochura uma ascensão segura do artista e do prosador: os *Novos Solilóquios* são o produto, quasi sempre, de ideias mestras que lançaram fundas raízes na alma do autor e, pouco a pouco, a irão modificando nas suas tendências, sem lhe tirar as qualidades primaciais de beleza e de fina e culta sensibilidade. Bourbon e Menezes é um temperamento autêntico de escritor: a evolução do seu formosíssimo espírito tem a guisa de uma luzinha adorável e certa: o sorriso duma criança... Será essa luzinha de benção que há-de guiar os seus passos, da senda escura da vida para o eterno e impercível...

Da fria, da brumosa e tristonha Noruega, chega-nos, enroupado numa linda edição, um livro de sonetinhos, intitulado *Longe*. É seu autor o sr. Gomes Ferreira que na terra dos *fjords* e do sol da meia noite, exerce o cargo de primeiro conselheiro. O livrinho em referência foi perfeitamente definido pelo próprio autor: é um coração em verso. Tudo quanto uma alma de poeta pode sentir e amar, ali vive cingido de saudades e de sonho... A fina e culta sensibilidade de Gomes Ferreira compraz-se nos ritmos fugidios, no irreal, no vôo planado do espírito, errante e descuidado da realidade da vida. Não é um livro para todos: é um herbário de plantas mortas que, só espíritos de aguda percepção podem compreender e animar, integrando-se na alma do autor do *Longe*. Os outros, os que se agitam deliciados no pandemônio da vida moderna, esses por certo não percebem as rimas deste livrinho, tão interior e espiritual é o ritmo que os agita e lhes dá vida!...

F. M.

## O IMPERIOSO MOTIVO

«Minha querida Eugénia:

Continuo a ser a mesma rapariga franca que tu conheces em Lisboa. Não te escrevi há mais tempo por preguiça. Sinto, às vezes, uma grande vontade de conversar contigo, de prosseguir, por intermédio de cartas longas e sinceras, aquelas confidências que dantes te fazia. Mas falta-me a coragem de empunhar a pena e traçar as palavras. E sinto uma necessidade tão imperiosa de confiar-te, como outrora, os meus segredos — aqueles segredos que nem a meu pai, sempre atarefado e absorvido pelos seus complicados negócios, nem a minha mãe, boa alma — simples de mais para compreender os meus anseios de mulher moderna, — seria capaz de confessar!

Sinto uma falta enorme da tua grata companhia. Só tu me sabias escutar com benevolência e aconselhar com amizade. Como não te posso ter junto de mim, quero com esta carta estreitar os laços da nossa mútua estima. E, antes de te perguntar como te tens dado com a tua nova vida de casada, permite-me que te conte o que de mais curioso e interessante me tem acontecido nestes seis meses da tua ausência.

Vejo aflorar aos teus lábios uma pergunta a que vou dar-te imediata resposta. O João? Despedi-o. Já não o namoro. Estava aborrecida.



Não me servia para marido. Continuo a ser a mesma mulher exigente que tu conheces. É possível que, sempre boa conselheira e amiga atilada, censures a minha resolução. É natural que te assista razão na censura. Mas que queres, boa Eugénia, se eu já não o podia suportar?

Era um rapaz simpático, meigo, amável, que me obedecia como um cão. Não era nada estúpido, sabia estar numa sala, tinha uma conversa agradável e um emprêgo rendoso, que valia mais do que muitas fortunas. Toda a gente me dizia: «A Graziela faz um casamento invejável.» E eu estava quasi convertida à opinião geral.

Um dia, sem que ninguém o esperasse, disse a minha mãe:

— Mamã, não quero ver esse homem em nossa casa!

— Porquê, rapariga? — inquiriu ela, alarmada.

— Porque não quero.

— Mas — perguntou a mamã, querendo que eu ponderasse melhor a minha resolução — ele não é bom rapaz?

— É — respondi-lhe, sêcamente.

✠

## A MULHER E A CULTURA FÍSICA

A mulher que mal sabia andar, cuja companhia constituía uma tortura para os que circulam pelas ruas, segundo o ritmo do movimento de Paris e de Londres, está condenada a desaparecer.

Modernamente, a mulher sabe andar, caminhar com pressa febril.

Perdeu em languidez mas ganhou em desenvoltura. Os movimentos ligeiros, rápidos, possuem também a sua estética e teem o seu encanto. Raparigas marchando com a lentidão própria dos quarenta ou dos cinquenta anos, constituíam um dos mais feios paradoxos. A primavera no outono, ainda pode ter certa melancólica beleza, mas o outono na primavera é uma tolice que nem sequer se salva enroupando-a com os maiores exageros românticos.

A rapariga moderna, lá fora, cuida da sua cultura física: é, sem deixar de ser elegante, uma desportiva. Nos côlegios, a gymnástica feminina difere da gymnástica masculina, e, no

— Não te tem respeitado sempre?

— Tem.

— Não pretende casar contigo?

— Pretende.

— Então porque o despedes assim, abruptamente, sem que ele te desse motivo para tal?

— perguntou ela, assombrada.

— Porque não o amo.

Era apenas por este motivo, minha querida Eugénia. A mim só me teem aparecido homens de quem não gosto. E eu entendo que só devo casar por amor, quando o coração imperiosamente m'o exigir.

Nestes últimos seis meses só me tem aparecido o que nós classificamos geralmente de «bons partidos». Pois poderão ser «bons partidos» para as outras, nanja para mim. O último que eu despedi, deu origem a invejas e a malquerenças. Era um rapaz riquíssimo, cujo trabalho fatigante se cifrava em empregar a sua fortuna, em gastar o seu dinheiro. É elegante, *sportsman* distinto, cortejado por todas as donzelas casadoiras da boa sociedade. Simpatizou comigo e eu não simpatizei, nem deixei de simpatizar.

Flirtei com ele durante um mês para o ouvir, para saber o que ia naquele espírito tão requestado por todas as minhas amigas. Disseram-me que uma mulher apaixonada, ferida pela sua indiferença, se tinha suicidado. Eu ignorava como seria a alma de um homem que inspirava paixões fatais. Aproximei-me dele para o examinar melhor e nada encontrei de extraordinário. Raul era, pouco mais ou menos, como os outros homens que eu havia desprezado. Não acusava a menor diferença.

Quando foi pedir a minha mão, recusei-lha. Foi um escândalo. Meu pai ia enlanguescendo, minha mãe chorou como uma fonte e eu mantive a minha resolução. Não achas que fiz bem, Eugénia? Eu não o amava!...

Julgáras talvez que posso um coração de pedra, insensível, duro, incapaz de uma paixão séria, de um amor puro e desinteressado. Não, querida amiga, não me julgues pelas aparências. Não sou uma insensível, pelo contrário, tenho uma alma ardente, propensa às grandes paixões, como aquelas que nós vemos nos romances. Se assim não fôsse, teria casado com o primeiro «bom partido» que me apareceu; se não possuísse uma alma romântica, não estaria, como estou, doidamente apaixonada por um homem.

Pela primeira vez eu sei, minha boa Eugénia, o que é amar. Tu que és casada e, portanto, adoras o teu marido, dize-me se amar não é uma pessoa viver em perpétua adoração do ente querido. Só me sinto bem junto dele. A sua voz encerra todas as harmonias e tem o dom de fazer-se escutar, não pelos meus ouvidos que, aturdidos, quasi não a ouvem, mas pela alma que a recolhe e guarda avaramente. Não há olhos que possuam a fascinação dos seus olhos, nem lábios que saibam modelar frases tão belas. Jorge é o único homem que eu amo, o único com quem casaria de boa vontade.

Ninguém o considera, como aos outros, um «bom partido». É pintor de arte e não possui fortuna. Vive mal, com inúmeras dificuldades. Mas isso pouco importaria. Para se fazer um bom casamento, o principal é o amor. E eu tenho-lhe amor, mais do que amor, tenho cegueira, uma grande paixão cega e invencível por ele. Sinto que esta paixão é inextinguível. Jorge é o meu primeiro e último amor.

Mas não caso com ele. Não, nunca casarei com Jorge, o único homem de quem gosto.

— Porquê?! — perguntarás tu, boa Eugénia, já aborrecida de escutar estas confidências.

Tens realmente razão em me fazeres, um pouco irritada, essa pergunta. As minhas atitudes parecem, à primeira vista, estranhas, destremeladas. Mas eu te explico, querida amiga, porque motivo, tendo encontrado o homem por quem sinto sincera inclinação, não me caso com ele. O motivo é, afinal, bem simples. Não me caso — porque ele não quer. Ele não me quer, Eugénia! Que tristeza a minha!...

Com as lágrimas nos olhos, abraça-te a tua amiga e confidente

GRAZIELA.

AS MEIAS de LINHO  
"PRINTEMPS"  
rão de qualidade  
— GARANTIDA —  
Venda exclusiva  
AU PRINTEMPS, R. Ivens 56 LISBOA

## A MODA DAS SAIAS-CALÇAS

## PAUL POIRET

FALA A «VOGA» ACERCA DA FUTURA MODA FEMININA

VOGA, semanário ilustrado da mulher e, sem dúvida alguma a única publicação feminina portuguesa digna de tal nome, procura constantemente proporcionar aos seus milhares de leitoras e assinantes a melhor, a mais moderna e a mais educativa das leituras. Para isso não se poupa a sacrifícios e é a única revista feminina da nossa terra que tem serviços especiais de reportagem de modas nas grandes cidades do mundo e contractos especialíssimos com os principais fotógrafos e costureiros e modistas de Paris. Por isso *Voga* conseguiu um êxito de tiragem e assinatura até hoje nem sequer imitado por qualquer publicação do género.

No intuito de corresponder ao carinho e aceitação que o grande público e a sociedade elegante lhe têm tributado, *Voga* acaba de entrevistar em Paris o grande costureiro francês Paulo Poiret, o ditador mundial da moda francesa. Todas as nossas leitoras conhecem o nome de Poiret, hoje árbitro indiscutido da moda, o homem cujas opiniões constituem dogma em matéria de indumentária feminina. Vestir no Poiret constitui hoje o sinal supremo da elegância, do bom gosto e do modernismo.

Pois bem: Paulo Poiret acaba de falar à *Voga* concedendo-lhe uma entrevista acerca da moda feminina... Quais as opiniões do grande costureiro da Cidade Luz acerca da indumentária feminina durante o ano de 1928? Quais os tecidos, os novos estilos, as criações artísticas? É isso tudo que Paulo Poiret vai expor às leitoras da *Voga*. Há nessa entrevista um capítulo que sobremaneira interessará às nossas leitoras e assinantes: Paulo Poiret afirma que as saias-calças, ou antes só calças, simplesmente, vão entrar na moda por uma forma indiscutível. Quais as razões em que se estriba o grande árbitro da moda para assim se expressar?

É isso que as leitoras e assinantes da *Voga* terão ocasião de ler num dos próximos números da

## "VOGA"

SEMANÁRIO ILUSTRADO DA MULHER

O maior dos sucessos  
JOÃO CHAGAS  
TRABALHOS  
FORÇADOS

EDIÇÃO DEFINITIVA

Em 3 volumes

O diário dum revoltado  
As memórias dum idealista

Cada volume 10\$00

PEDIDOS ÀS LIVRARIAS

AILLAUD E BERTRAND

Chiado, 73 e 75 — LISBOA

## "VOGA"

PREÇOS DE ASSINATURA

	3 meses	6 meses	1 ano
Continente, Ilhas e Espanha	17\$00	32\$00	62\$00
Exemplares registados....	22\$00	42\$40	82\$80
Africa Ocidental e Oriental	35\$00	68\$00	
Exemplares registados....	45\$40	88\$80	
India, Macan e Timor.....	36\$00	70\$00	
Exemplares registados....	46\$40	90\$80	
Brasil .....	36\$00	70\$00	
Exemplares registados....	56\$80	111\$60	
Estrangeiro .....	40\$00	78\$00	
Exemplares registados....	60\$80	119\$60	

NUMERO AVULSO Esc..... 1\$50

Dirigir pedidos às Livrarias Aillaud e Bertrand, R. Garrett, 73-75.



Mas Fredelow queixa-se da quantia?  
— O senhor é criança! Oíça que vai rir!

E Narciso Boucher volta-se para o Alemão:  
— A propósito, os seus estudos estão acabados, suponho? Qual será a extensão total da linha?

O homem gordo levantou os dois braços ao céu:

— Senhor! Ai é que está o pior: contávamos com dois mil e novecentos quilómetros; mas este deserto de Dalma está crivado de precipícios; e a pequena contribuição do Governo não nos permite encetar grandes obras de arte...

— Em resumo, quantos?

— Três mil e seiscentos, setecentos...

Narciso Boucher galhofou em surdina:

— Hein, coronel? Admire o senhor o truque: aceite a quantia marcada pelo Sultão, para a garantia quilométrica; mas aumentam os quilómetros em proporção. No fim de contas, ainda ganham. Sem falar na economia que realizam com os viadutos reduzidos à expressão mais simples. Não há de ficar caro, o caminho de ferro de Mascate. Estes pobres turcos, hein? Teem sempre por onde se tosquiem!

Ingenuamente, indignei-me:

— Mas como é que o Sultão aceita?

— O Sultão? Pois não vê o coronel! Atrás de Frederlow, está o embaixador alemão; e

**Etoile noire**  
última criação de  
**GELLÉ FRÈRES**  
PARIS



**essencia  
pó-de-rosas  
loção**

*A venda em todas as boas Casas*  
AVENIDA DE PARIS 27, 29, 31, 33, 35, 37, 39, 41, 43, 45, 47, 49, 51, 53, 55, 57, 59, 61, 63, 65, 67, 69, 71, 73, 75, 77, 79, 81, 83, 85, 87, 89, 91, 93, 95, 97, 99, 101, 103, 105, 107, 109, 111, 113, 115, 117, 119, 121, 123, 125, 127, 129, 131, 133, 135, 137, 139, 141, 143, 145, 147, 149, 151, 153, 155, 157, 159, 161, 163, 165, 167, 169, 171, 173, 175, 177, 179, 181, 183, 185, 187, 189, 191, 193, 195, 197, 199, 201, 203, 205, 207, 209, 211, 213, 215, 217, 219, 221, 223, 225, 227, 229, 231, 233, 235, 237, 239, 241, 243, 245, 247, 249, 251, 253, 255, 257, 259, 261, 263, 265, 267, 269, 271, 273, 275, 277, 279, 281, 283, 285, 287, 289, 291, 293, 295, 297, 299, 301, 303, 305, 307, 309, 311, 313, 315, 317, 319, 321, 323, 325, 327, 329, 331, 333, 335, 337, 339, 341, 343, 345, 347, 349, 351, 353, 355, 357, 359, 361, 363, 365, 367, 369, 371, 373, 375, 377, 379, 381, 383, 385, 387, 389, 391, 393, 395, 397, 399, 401, 403, 405, 407, 409, 411, 413, 415, 417, 419, 421, 423, 425, 427, 429, 431, 433, 435, 437, 439, 441, 443, 445, 447, 449, 451, 453, 455, 457, 459, 461, 463, 465, 467, 469, 471, 473, 475, 477, 479, 481, 483, 485, 487, 489, 491, 493, 495, 497, 499, 501, 503, 505, 507, 509, 511, 513, 515, 517, 519, 521, 523, 525, 527, 529, 531, 533, 535, 537, 539, 541, 543, 545, 547, 549, 551, 553, 555, 557, 559, 561, 563, 565, 567, 569, 571, 573, 575, 577, 579, 581, 583, 585, 587, 589, 591, 593, 595, 597, 599, 601, 603, 605, 607, 609, 611, 613, 615, 617, 619, 621, 623, 625, 627, 629, 631, 633, 635, 637, 639, 641, 643, 645, 647, 649, 651, 653, 655, 657, 659, 661, 663, 665, 667, 669, 671, 673, 675, 677, 679, 681, 683, 685, 687, 689, 691, 693, 695, 697, 699, 701, 703, 705, 707, 709, 711, 713, 715, 717, 719, 721, 723, 725, 727, 729, 731, 733, 735, 737, 739, 741, 743, 745, 747, 749, 751, 753, 755, 757, 759, 761, 763, 765, 767, 769, 771, 773, 775, 777, 779, 781, 783, 785, 787, 789, 791, 793, 795, 797, 799, 801, 803, 805, 807, 809, 811, 813, 815, 817, 819, 821, 823, 825, 827, 829, 831, 833, 835, 837, 839, 841, 843, 845, 847, 849, 851, 853, 855, 857, 859, 861, 863, 865, 867, 869, 871, 873, 875, 877, 879, 881, 883, 885, 887, 889, 891, 893, 895, 897, 899, 901, 903, 905, 907, 909, 911, 913, 915, 917, 919, 921, 923, 925, 927, 929, 931, 933, 935, 937, 939, 941, 943, 945, 947, 949, 951, 953, 955, 957, 959, 961, 963, 965, 967, 969, 971, 973, 975, 977, 979, 981, 983, 985, 987, 989, 991, 993, 995, 997, 999, 1001, 1003, 1005, 1007, 1009, 1011, 1013, 1015, 1017, 1019, 1021, 1023, 1025, 1027, 1029, 1031, 1033, 1035, 1037, 1039, 1041, 1043, 1045, 1047, 1049, 1051, 1053, 1055, 1057, 1059, 1061, 1063, 1065, 1067, 1069, 1071, 1073, 1075, 1077, 1079, 1081, 1083, 1085, 1087, 1089, 1091, 1093, 1095, 1097, 1099, 1101, 1103, 1105, 1107, 1109, 1111, 1113, 1115, 1117, 1119, 1121, 1123, 1125, 1127, 1129, 1131, 1133, 1135, 1137, 1139, 1141, 1143, 1145, 1147, 1149, 1151, 1153, 1155, 1157, 1159, 1161, 1163, 1165, 1167, 1169, 1171, 1173, 1175, 1177, 1179, 1181, 1183, 1185, 1187, 1189, 1191, 1193, 1195, 1197, 1199, 1201, 1203, 1205, 1207, 1209, 1211, 1213, 1215, 1217, 1219, 1221, 1223, 1225, 1227, 1229, 1231, 1233, 1235, 1237, 1239, 1241, 1243, 1245, 1247, 1249, 1251, 1253, 1255, 1257, 1259, 1261, 1263, 1265, 1267, 1269, 1271, 1273, 1275, 1277, 1279, 1281, 1283, 1285, 1287, 1289, 1291, 1293, 1295, 1297, 1299, 1301, 1303, 1305, 1307, 1309, 1311, 1313, 1315, 1317, 1319, 1321, 1323, 1325, 1327, 1329, 1331, 1333, 1335, 1337, 1339, 1341, 1343, 1345, 1347, 1349, 1351, 1353, 1355, 1357, 1359, 1361, 1363, 1365, 1367, 1369, 1371, 1373, 1375, 1377, 1379, 1381, 1383, 1385, 1387, 1389, 1391, 1393, 1395, 1397, 1399, 1401, 1403, 1405, 1407, 1409, 1411, 1413, 1415, 1417, 1419, 1421, 1423, 1425, 1427, 1429, 1431, 1433, 1435, 1437, 1439, 1441, 1443, 1445, 1447, 1449, 1451, 1453, 1455, 1457, 1459, 1461, 1463, 1465, 1467, 1469, 1471, 1473, 1475, 1477, 1479, 1481, 1483, 1485, 1487, 1489, 1491, 1493, 1495, 1497, 1499, 1501, 1503, 1505, 1507, 1509, 1511, 1513, 1515, 1517, 1519, 1521, 1523, 1525, 1527, 1529, 1531, 1533, 1535, 1537, 1539, 1541, 1543, 1545, 1547, 1549, 1551, 1553, 1555, 1557, 1559, 1561, 1563, 1565, 1567, 1569, 1571, 1573, 1575, 1577, 1579, 1581, 1583, 1585, 1587, 1589, 1591, 1593, 1595, 1597, 1599, 1601, 1603, 1605, 1607, 1609, 1611, 1613, 1615, 1617, 1619, 1621, 1623, 1625, 1627, 1629, 1631, 1633, 1635, 1637, 1639, 1641, 1643, 1645, 1647, 1649, 1651, 1653, 1655, 1657, 1659, 1661, 1663, 1665, 1667, 1669, 1671, 1673, 1675, 1677, 1679, 1681, 1683, 1685, 1687, 1689, 1691, 1693, 1695, 1697, 1699, 1701, 1703, 1705, 1707, 1709, 1711, 1713, 1715, 1717, 1719, 1721, 1723, 1725, 1727, 1729, 1731, 1733, 1735, 1737, 1739, 1741, 1743, 1745, 1747, 1749, 1751, 1753, 1755, 1757, 1759, 1761, 1763, 1765, 1767, 1769, 1771, 1773, 1775, 1777, 1779, 1781, 1783, 1785, 1787, 1789, 1791, 1793, 1795, 1797, 1799, 1801, 1803, 1805, 1807, 1809, 1811, 1813, 1815, 1817, 1819, 1821, 1823, 1825, 1827, 1829, 1831, 1833, 1835, 1837, 1839, 1841, 1843, 1845, 1847, 1849, 1851, 1853, 1855, 1857, 1859, 1861, 1863, 1865, 1867, 1869, 1871, 1873, 1875, 1877, 1879, 1881, 1883, 1885, 1887, 1889, 1891, 1893, 1895, 1897, 1899, 1901, 1903, 1905, 1907, 1909, 1911, 1913, 1915, 1917, 1919, 1921, 1923, 1925, 1927, 1929, 1931, 1933, 1935, 1937, 1939, 1941, 1943, 1945, 1947, 1949, 1951, 1953, 1955, 1957, 1959, 1961, 1963, 1965, 1967, 1969, 1971, 1973, 1975, 1977, 1979, 1981, 1983, 1985, 1987, 1989, 1991, 1993, 1995, 1997, 1999, 2001, 2003, 2005, 2007, 2009, 2011, 2013, 2015, 2017, 2019, 2021, 2023, 2025, 2027, 2029, 2031, 2033, 2035, 2037, 2039, 2041, 2043, 2045, 2047, 2049, 2051, 2053, 2055, 2057, 2059, 2061, 2063, 2065, 2067, 2069, 2071, 2073, 2075, 2077, 2079, 2081, 2083, 2085, 2087, 2089, 2091, 2093, 2095, 2097, 2099, 2101, 2103, 2105, 2107, 2109, 2111, 2113, 2115, 2117, 2119, 2121, 2123, 2125, 2127, 2129, 2131, 2133, 2135, 2137, 2139, 2141, 2143, 2145, 2147, 2149, 2151, 2153, 2155, 2157, 2159, 2161, 2163, 2165, 2167, 2169, 2171, 2173, 2175, 2177, 2179, 2181, 2183, 2185, 2187, 2189, 2191, 2193, 2195, 2197, 2199, 2201, 2203, 2205, 2207, 2209, 2211, 2213, 2215, 2217, 2219, 2221, 2223, 2225, 2227, 2229, 2231, 2233, 2235, 2237, 2239, 2241, 2243, 2245, 2247, 2249, 2251, 2253, 2255, 2257, 2259, 2261, 2263, 2265, 2267, 2269, 2271, 2273, 2275, 2277, 2279, 2281, 2283, 2285, 2287, 2289, 2291, 2293, 2295, 2297, 2299, 2301, 2303, 2305, 2307, 2309, 2311, 2313, 2315, 2317, 2319, 2321, 2323, 2325, 2327, 2329, 2331, 2333, 2335, 2337, 2339, 2341, 2343, 2345, 2347, 2349, 2351, 2353, 2355, 2357, 2359, 2361, 2363, 2365, 2367, 2369, 2371, 2373, 2375, 2377, 2379, 2381, 2383, 2385, 2387, 2389, 2391, 2393, 2395, 2397, 2399, 2401, 2403, 2405, 2407, 2409, 2411, 2413, 2415, 2417, 2419, 2421, 2423, 2425, 2427, 2429, 2431, 2433, 2435, 2437, 2439, 2441, 2443, 2445, 2447, 2449, 2451, 2453, 2455, 2457, 2459, 2461, 2463, 2465, 2467, 2469, 2471, 2473, 2475, 2477, 2479, 2481, 2483, 2485, 2487, 2489, 2491, 2493, 2495, 2497, 2499, 2501, 2503, 2505, 2507, 2509, 2511, 2513, 2515, 2517, 2519, 2521, 2523, 2525, 2527, 2529, 2531, 2533, 2535, 2537, 2539, 2541, 2543, 2545, 2547, 2549, 2551, 2553, 2555, 2557, 2559, 2561, 2563, 2565, 2567, 2569, 2571, 2573, 2575, 2577, 2579, 2581, 2583, 2585, 2587, 2589, 2591, 2593, 2595, 2597, 2599, 2601, 2603, 2605, 2607, 2609, 2611, 2613, 2615, 2617, 2619, 2621, 2623, 2625, 2627, 2629, 2631, 2633, 2635, 2637, 2639, 2641, 2643, 2645, 2647, 2649, 2651, 2653, 2655, 2657, 2659, 2661, 2663, 2665, 2667, 2669, 2671, 2673, 2675, 2677, 2679, 2681, 2683, 2685, 2687, 2689, 2691, 2693, 2695, 2697, 2699, 2701, 2703, 2705, 2707, 2709, 2711, 2713, 2715, 2717, 2719, 2721, 2723, 2725, 2727, 2729, 2731, 2733, 2735, 2737, 2739, 2741, 2743, 2745, 2747, 2749, 2751, 2753, 2755, 2757, 2759, 2761, 2763, 2765, 2767, 2769, 2771, 2773, 2775, 2777, 2779, 2781, 2783, 2785, 2787, 2789, 2791, 2793, 2795, 2797, 2799, 2801, 2803, 2805, 2807, 2809, 2811, 2813, 2815, 2817, 2819, 2821, 2823, 2825, 2827, 2829, 2831, 2833, 2835, 2837, 2839, 2841, 2843, 2845, 2847, 2849, 2851, 2853, 2855, 2857, 2859, 2861, 2863, 2865, 2867, 2869, 2871, 2873, 2875, 2877, 2879, 2881, 2883, 2885, 2887, 2889, 2891, 2893, 2895, 2897, 2899, 2901, 2903, 2905, 2907, 2909, 2911, 2913, 2915, 2917, 2919, 2921, 2923, 2925, 2927, 2929, 2931, 2933, 2935, 2937, 2939, 2941, 2943, 2945, 2947, 2949, 2951, 2953, 2955, 2957, 2959, 2961, 2963, 2965, 2967, 2969, 2971, 2973, 2975, 2977, 2979, 2981, 2983, 2985, 2987, 2989, 2991, 2993, 2995, 2997, 2999, 3001, 3003, 3005, 3007, 3009, 3011, 3013, 3015, 3017, 3019, 3021, 3023, 3025, 3027, 3029, 3031, 3033, 3035, 3037, 3039, 3041, 3043, 3045, 3047, 3049, 3051, 3053, 3055, 3057, 3059, 3061, 3063, 3065, 3067, 3069, 3071, 3073, 3075, 3077, 3079, 3081, 3083, 3085, 3087, 3089, 3091, 3093, 3095, 3097, 3099, 3101, 3103, 3105, 3107, 3109, 3111, 3113, 3115, 3117, 3119, 3121, 3123, 3125, 3127, 3129, 3131, 3133, 3135, 3137, 3139, 3141, 3143, 3145, 3147, 3149, 3151, 3153, 3155, 3157, 3159, 3161, 3163, 3165, 3167, 3169, 3171, 3173, 3175, 3177, 3179, 3181, 3183, 3185, 3187, 3189, 3191, 3193, 3195, 3197, 3199, 3201, 3203, 3205, 3207, 3209, 3211, 3213, 3215, 3217, 3219, 3221, 3223, 3225, 3227, 3229, 3231, 3233, 3235, 3237, 3239, 3241, 3243, 3245, 3247, 3249, 3251, 3253, 3255, 3257, 3259, 3261, 3263, 3265, 3267, 3269, 3271, 3273, 3275, 3277, 3279, 3281, 3283, 3285, 3287, 3289, 3291, 3293, 3295, 3297, 3299, 3301, 3303, 3305, 3307, 3309, 3311, 3313, 3315, 3317, 3319, 3321, 3323, 3325, 3327, 3329, 3331, 3333, 3335, 3337, 3339, 3341, 3343, 3345, 3347, 3349, 3351, 3353, 3355, 3357, 3359, 3361, 3363, 3365, 3367, 3369, 3371, 3373, 3375, 3377, 3379, 3381, 3383, 3385, 3387, 3389, 3391, 3393, 3395, 3397, 3399, 3401, 3403, 3405, 3407, 3409, 3411, 3413, 3415, 3417, 3419, 3421, 3423, 3425, 3427, 3429, 3431, 3433, 3435, 3437, 3439, 3441, 3443, 3445, 3447, 3449, 3451, 3453, 3455, 3457, 3459, 3461, 3463, 3465, 3467, 3469, 3471, 3473, 3475, 3477, 3479, 3481, 3483, 3485, 3487, 3489, 3491, 3493, 3495, 3497, 3499, 3501, 3503, 3505, 3507, 3509, 3511, 3513, 3515, 3517, 3519, 3521, 3523, 3525, 3527, 3529, 3531, 3533, 3535, 3537, 3539, 3541, 3543, 3545, 3547, 3549, 3551, 3553, 3555, 3557, 3559, 3561, 3563, 3565, 3567, 3569, 3571, 3573, 3575, 3577, 3579, 3581, 3583, 3585, 3587, 3589, 3591, 3593, 3595, 3597, 3599, 3601, 3603, 3605, 3607, 3609, 3611, 3613, 3615, 3617, 3619, 3621, 3623, 3625, 3627, 3629, 3631, 3633, 3635, 3637, 3639, 3641, 3643, 3645, 3647, 3649, 3651, 3653, 3655, 3657, 3659, 3661, 3663, 3665, 3667, 3669, 3671, 3673, 3675, 3677, 3679, 3681, 3683, 3685, 3687, 3689, 3691, 3693, 3695, 3697, 3699, 3701, 3703, 3705, 3707, 3709, 3711, 3713, 3715, 3717, 3719, 3721, 3723, 3725, 3727, 3729, 3731, 3733, 3735, 3737, 3739, 3741, 3743, 3745, 3747, 3749, 3751, 3753, 3755, 3757, 3759, 3761, 3763, 3765, 3767, 3769, 3771, 3773, 3775, 3777, 3779, 3781, 3783, 3785, 3787, 3789, 3791, 3793, 3795, 3797, 3799, 3801, 3803, 3805, 3807, 3809, 3811, 3813, 3815, 3817, 3819, 3821, 3823, 3825, 3827, 3829, 3831, 3833, 3835, 3837, 3839, 3841, 3843, 3845, 3847, 3849, 3851, 3853, 3855, 3857, 3859, 3861, 3863, 3865, 3867, 3869, 3871, 3873, 3875, 3877, 3879, 3881, 3883, 3885, 3887, 3889, 3891, 3893, 3895, 3897, 3899, 3901, 3903, 3905, 3907, 3909, 3911, 3913, 3915, 3917, 3919, 3921, 3923, 3925, 3927, 3929, 3931, 3933, 3935, 3937, 3939, 3941, 3943, 3945, 3947, 3949, 3951, 3953, 3955, 3957, 3959, 3961, 3963, 3965, 3967, 3969, 3971, 3973, 3975, 3977, 3979, 3981, 3983, 3985, 3987, 3989, 3991, 3993, 3995, 3997, 3999, 4001, 4003, 4005, 4007, 4009, 4011, 4013, 4015, 4017, 4019, 4021, 4023, 4025,



## Grafologia

## CONSULTÓRIO GRAFOLÓGICO

Para obter os característicos grafológicos de qualquer pessoa, basta enviar a

MADAME DE NEMPHIS

GRAFOLOGIA — «MAGAZINE BERTRAND»

Rua Anchieta

Lisboa

um envelope contendo o documento ou documentos que se deseja submeter à análise, incluindo o coupon adjunto e a quantia de Esc. 2\$50 em papel-moeda ou estampilhas postais.

O verdadeiro nome ou a morada do cliente só é necessário caso se deseje a devolução dos documentos enviados, devendo nesse caso também ser incluído um envelope devidamente estampilhado.

Sempre que se deseje receber a resposta particularmente pelo correio, deve-se há formular esse pedido juntamente a uma dádiva especialmente destinada aos pobres do Magazine Bertrand.

Sempre que as conclusões não correspondam à expectativa dos nossos clientes ou resultem aparentemente errôneas, rogamos encarecidamente que, com a maior sinceridade, nos apontem os desacórdos mais evidentes, segundo o critério das pessoas interessadas.

N.º 344 — *Recordar é viver duas vezes* — Porto. — Com efeito, V. Ex.ª possui uma memória fiel. Verifico assim que não esquece facilmente as afrontas que recebeu nem tão pouco os favores e atenções que ficou devendo a outrem...

Todo o seu personalismo, um pouco ferozmente vincado, vibra em volta da sua própria satisfação em lampejos de actividade ponderada e minuciosa.

Qual será o motivo dessa depressão que parece atacar frequentes vezes o seu espírito?

N.º 345 — *Uma alma capaz de sentir e bater pela humanidade inteira* — Loures. — Bondade natural um pouco alterada por uma natureza impressionável e talvez assás infantil.

No todo, o seu grafismo revela exaltação e

## LIÇÕES DE BORDADOS

Em curso ou particular

POR BORDADORA BEM HABILITADA

Rua da Bempostinha, 40, 1.º

desejo de aperfeiçoamento, aliás bem louvável. Porque não tenta modificar também esses seus acessos de vaidade pessoal um pouco exibicionista?

N.º 346 — *Liszt* — Dáfundo. — Impressionabilidade bem feminina...

Tôda a precipitação dos seus movimentos, a extraordinária mobilidade dos seus pensamentos não permitem que o seu espírito desça até fixar-se mais demoradamente nas ninharias que a rodeiam.

É uma esfinge... incapaz de manter uma serenidade esfíngica...

N.º 347 — *Chopin* — Dáfundo. — Bondade talvez prejudicada por um temperamento impetuoso e exigente.

Simplicidade de hábitos e atitudes. Lógica natural, sabendo valorizar-se oportunamente quanto lhe é possível.

N.º 348 — *Quim* — Lisboa. — Uma personalidade ainda em via de formação, acusando um espírito enérgico, tenaz nas suas resoluções e



**TILAI**  
ESTUDIO  
DE DANÇA  
RITMICA, PLAS-  
TICA, MIMICA

2.ª, 4.ª e 6.ª feiras, das 10 às 12 horas e das 15 às 17 horas

Rua Marquês da Fronteira, 82  
CAMPOLIDE

que já mais recua ante qualquer obstáculo para atingir o triunfo dos seus desejos.

Como defeitos poderei sómente mencionar uma certa doçura exagerada que aparentemente se traduz numa determinada dificuldade de expressões.

N.º 349 — *Mary* — Lisboa. — Ordem de ideias, amando as situações claras e definidas.

Calma e ponderação cautelosa, sabendo conseguir os seus fins em vista com prudência, minúcia e atenção.

Bondade, discrição e método.

Um bom grafismo em tôda a acepção da pala-

vra se... (há sempre um «se»!) se... não fôsse um quâsi nada valiosa...

N.º 350 — *J. J. de F.* — Coimbra. — Decisão

de atitudes e gestos.

Os pensamentos são ordenados por uma vontade forte mas facilmente dominada pela sua impressionabilidade.

Felizmente nem tôda a gente neste mundo sabe grafologia porque, se assim fôsse, talvez que o seu orgulho já tivesse sofrido mais algumas desilusões.

Cautela com os desapontamentos resultantes da sua extraordinária boa fé.

N.º 351 — *E. C.* — Beira Baixa. — Nervosismo precipitado resultante de um temperamento vibrando em dissonância com o local e o meio.

Sinceridade de crenças exaltada e impressionável.

Dificuldade de expressão, procurando a todo o transe uma paz espiritual que sómente por intermédio da mais pura e tranquila das meditações poderia por ventura atingir.

N.º 352 — *Pedro de uma carta de uma amiga* — Beira Baixa. — Actividade, inteligência um pouco precipitada.

Sensibilidade de espírito e também uma certa irritabilidade que, todavia, procura dominar.

N.º 353 — *Mimi* — Lisboa. — Naturalidade de expressões, atraente e simples.

Mobilidade de sentimentos que pairam ainda

um pouco indecisos sobre a sua personalidade sem dúvida indefinida.

Bondade, firmeza de ideias e... um pouco teimosa.

N.º 354 — *Tininha* — Lisboa. — Indecisão resultante da idade e convivência.

Procurando subordinar tôdas as suas atitudes numa dignidade simpática mas artificial.

Todos os seus característicos grafológicos acham-se ofuscados pela sua extraordinária cautela em copiar os seus gestos tanto quanto possível da maneira que pensa ficar-lhe melhor.

N.º 355 — *Uma apaixonada de estudantes* — Lisboa. — Vontade forte, sabendo impôr cautelosamente os seus dotes físicos e... morais.

Energia exigente, um pouco imperiosa nos seus impulsos decisivos mas sempre prudentemente guiados por um grande instinto de defesa pessoal.

Não creio, pois, que o seu pseudónimo seja de todo verdadeiro.

N.º 356 — *O. de Castro* — Lisboa. — Se não fôsse o traço final da sua assinatura iria afirmar que todos os sentimentos eram inofensivos e dignos...

As suas qualidades de descrição, economia um pouco teórica e de actividade profissional são bastante prejudicadas pelo seu temperamento impulsivo e — diga-se a verdade — também preso a uma certa materialidade inferior



DEPENDABLE

# DODGE BROTHERS

## Senior Line

### QUALIDADE POR PREÇO MODERADO



A qualidade é a principal característica na construção e equipamento do Senior (6 cil.).

Na robustez do chassis e eixos e na segurança da direcção está a prova evidente da qualidade do material que caracteriza todos os modelos Dodge Brothers.

Toda a carroserie é almofadada com feltro, tornando-a por completo silenciosa — conforto que até hoje era considerado unicamente pelos construtores de carros-series de luxo.

No motor — os sistemas de arrefecimento, lubrificação, travões, etc. — são outras tantas características que fazem deste carro o melhor de entre todos os da sua classe e preço.

REPRESENTANTES

BERNARDINO CORRÊA & CIA.

(SECÇÃO DE AUTOMÓVEIS)

LISBOA — PORTO — AFRICA

que o força a arrastar-se, olhando mais repetidas vezes as hervas rasteiras do que as copas altivas e elevadas das árvores frondosas...

**B**

**BERTRAND-IRMÃOS, Lda**  
FOTOGRAVADORES  
TEL. T. 96  
T. DA CONDESSA DO RIO 27  
LISBOA



## PAMPLINAS

POR CHARLIE CHAPLIN (CHARLOT)



O maior de todos os cómicos apreciando o seu mais próximo rival é uma coisa de sensação absoluta. Cabe à «Voga» a honra de reproduzir pela primeira vez, as palavras que o mais extraordinário artista da cinegrafia escreveu sobre o rei do «humour», Buster Keaton.

«...A máscara de Buster, a sua impassibilidade, a fleugma incomparável com que provoca o riso sem se rir, enche-me de admiração pelo meu rival mais próximo. Buster Keaton, tem, no mais alto grau, a noção da caricatura se bem que caricatura a traço grosso, exterior, de silhuetas. Nêle não há a pretensão de caricaturar almas e sentimentos. A vida, para êle, é uma sucessão de scênas divertidas que muitos, para infelicidade própria, tomam eternamente a sério e por isto Buster deliberou retratar, na corda burlesca êstes iludidos sobre a vida. A sua caricatura é formidável. Não se confunde com a minha concepção do drama humano visto que Buster só vê em tudo o exterior, a farsa, mas com uma concepção de alta envergadura histriónica. Pobre Buster!... Como eu hás de sentir-te um dia prisioneiro da fórmula que impuzêste ao mundo com a tua silhueta rígida e solenemente irrisória...».

CHARLES SPENCER CHAPLIN.

